

# REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA

Ano XXV

OUTUBRO-DEZEMBRO DE 1963

Nº. 4

## CAMPINA GRANDE E SUA FUNÇÃO COMO CAPITAL REGIONAL \*

MARIA FRANCISCA THEREZA C. CARDOSO  
Geógrafa do CNG

### *Introdução*

Campina Grande é, no quadro urbano nordestino, um fenômeno que impressiona profundamente aqueles que se interessam, de alguma maneira, pelo estudo do fato urbano no Brasil. Todos são levados a reconhecer que existe algo nesta aglomeração que a distingue das demais cidades da região. Sobressai ela não só pela organização de seu espaço urbano, pois se apresenta como verdadeira urbe, mas, principalmente, no papel que desempenha na vida regional, tendo a si subordinada uma extensa área do interior nordestino.

A semelhança de São Paulo que do planalto paulista domina no campo econômico todo o sul e parte do sudeste e centro-oeste do país, Campina Grande, embora em menores proporções, do alto da Borborema irradia sua atuação por extensa área do sertão, contrastando, assim, com a grande maioria dos centros urbanos nordestinos, que vivem apenas em função da área rural da própria comuna.

É a posição geográfica das duas cidades que responde ao “porquê” dessa atuação tão intensa que ambas desempenham. A capital paulista, metrópole de âmbito nacional, se constitui em verdadeira encruzilhada de caminhos para o interior. Localizada como está no planalto, a poucos quilômetros da escarpa abrupta litorânea, São Paulo voltou-se mais para o interior graças às facilidades oferecidas pela topografia suave do planalto. Campina Grande, a capital do sertão nordestino, apresenta posição de certa maneira análoga. Situada próxima à superfície mais alta da Borborema, a cidade não enfrentou dificuldades de comunicações nem com o litoral nem com o sertão. Para leste, a orla recortada do planalto facilita o acesso à zona litorânea, através de vales amplos abertos no cristalino. A mesma facilidade se repete em direção ao interior. Do extenso patamar do planalto onde se encontra Campina Grande, passa-se com facilidade para o sertão, de nível mais baixo que os altos da Borborema, mas mais elevado que o planalto do Cariri.

\* O presente trabalho resulta de uma pesquisa efetuada na cidade de Campina Grande, em julho de 1962, como parte de um plano de estudos urbanos programados pela Seção Regional Nordeste da Divisão de Geografia.

A autora agradece aos participantes da excursão, os auxiliares de geógrafos: OLGA MARIA BUARQUE DE LIMA, ELIZABETH FORTUNATO GENTILE e HENRIQUE SANT'ANNA a colaboração prestada na pesquisa de dados e, de uma maneira especial, à geógrafa LYSIA MARIA CAVALCANTI BERNARDES, chefe da Seção Regional Nordeste, toda a orientação recebida durante a elaboração do trabalho.

Com esta espécie de analogia no que se refere à posição geográfica, as duas cidades desempenham, cada uma dentro de sua região, uma grande atuação, principalmente no setor econômico, diferindo apenas em sua intensidade, incomparavelmente maior para o caso de São Paulo, e, também, na variedade de sua atuação, pois enquanto Campina Grande se projeta mais através de seu comércio, São Paulo atua, também, intensamente através das suas numerosíssimas indústrias.

Situada a alguma distância do litoral e das zonas agrícolas litorâneas, tendo como hinterlândia um sertão áspero, domínio do criatório, Campina Grande constituiu-se, no entanto, como o maior empório comercial da região, depois do Recife, ocupando entre tôdas as cidades brasileiras posição privilegiada quanto a seu comércio, onde "o setor atacadista ocupa quase meio por cento do pessoal empregado no atacado do país"<sup>1</sup>.

O comércio e a indústria contribuem para que a arrecadação de impostos e taxas alcance, nas diferentes órbitas da administração, um índice elevado, sendo de 43% a sua contribuição para a arrecadação estadual.

Essa liderança econômica vê-se reforçada por ser, ainda, um foco de intensa vida cultural e um procurado centro médico-hospitalar. Congregando sedes de importantes órgãos governamentais e entidades de classe, Campina Grande assumiu, também, certa função administrativa, embora não seja a capital do estado de cuja vida econômica é o principal foco.

### *Fisionomia e estrutura da cidade*

A orientação do relêvo do sítio urbano de Campina Grande repete os traços gerais da morfologia do planalto, que neste trecho, enquadrado pelos vales do Paraíba, do Mamanguape e do Curimataú, rios da vertente oriental, já começa a perder altitude na direção da costa.

A Borborema forma aí como que um promontório, cujo desgaste progressivo pela ação erosiva dos afluentes do Paraíba resultou num esfacelamento da escarpa do planalto, hoje galgado sem grande dificuldade. Não longe do divisor com a bacia do Mamanguape, marcado por uma superfície bastante regular, a cidade ocupa vários níveis escalonados, que sofrem um rebaixamento gradativo no sentido geral do sul, na direção do vale do Paraíba.

Entre os afluentes e subafluentes do Paraíba, que em seus altos cursos drenam a área urbana atual, todos êles bastante longos, intermitentes e esgalhados, salienta-se por sua maior importância o Bodocongó que passa a oeste da cidade, com a direção geral norte-sul. No setor leste, em busca de outros afluentes do Paraíba correm riachos mais insignificantes, também intermitentes.

Os pontos mais elevados da cidade situam-se, pois, em sua parte norte-noroeste, correspondendo aos últimos degraus de acesso à Borborema.

<sup>1</sup> PEDRO PINCHAS GEIGER e FANY DAVIDOVICH — *Aspectos do fato urbano no Brasil*, p. 350.

# CAMPINA GRANDE

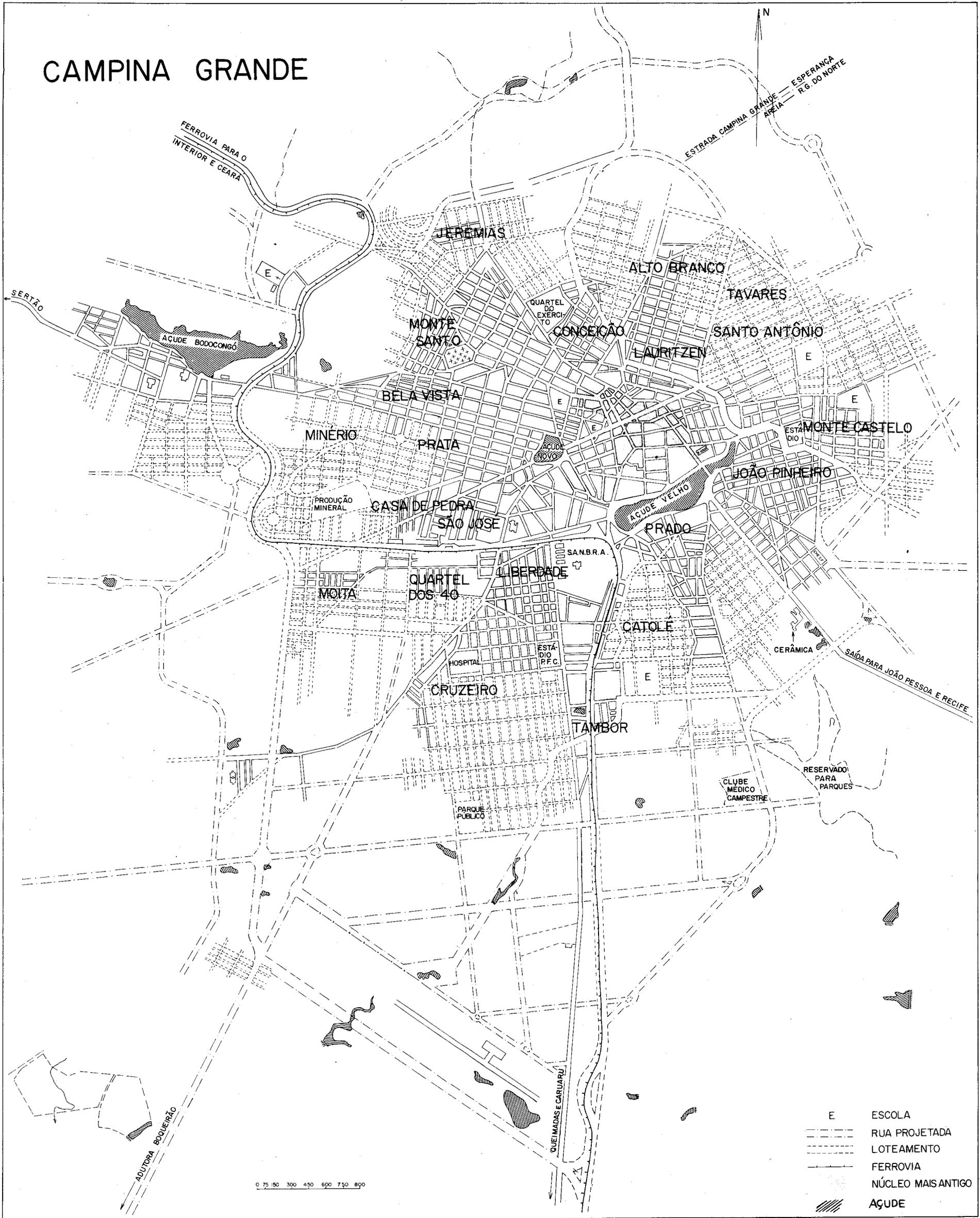


Fig. 1



Foto 1 — A orientação do relevo do sítio urbano de Campina Grande repete os traços gerais da morfologia do planalto da Borborema. A cidade ocupa vários níveis escalonados, que sofrem um rebaixamento gradativo na direção do Paraíba. Como se observa na fotografia, as diferenças de nível do sítio urbano não afetaram o crescimento do aglomerado. Em primeiro plano, um dos bairros proletários e, em último, o "centro".

Gentileza de "Manchete".

As diferenças de nível do sítio urbano, que à primeira vista podem parecer prejudiciais ao crescimento do aglomerado, absolutamente não o afetaram. Isto porque, embora se situe a cidade em uma zona de divisores, a topografia não é por demais acentuada, tendo permitido sua expansão em tôdas as direções. Sôbre vários níveis que se escalonam dos 500-515 metros, até quase 600 metros, espraiou-se, pois, Campina Grande sem muita dificuldade. A princípio, instalou-se a cidade sôbre um dorso suave do nível de 530-550 metros, ao norte do açude Velho. Em seguida veio a ocupar as baixas encostas e os fundos de pequenos vales que interrompem êsse nível, descendo então até cêrca de 500 metros. A estrada de ferro foi um dos elementos da ocupação dessas baixas encostas, pois em uma delas, junto ao açude Velho, foi instalada a estação.

Só recentemente, em sua expansão para o oeste, o leste e o sul é que a cidade está, realmente, se espraiando nesse nível inferior, canalizando-se os cursos d'água principais. Por outro lado, para o noroeste, a cidade desde sua primeira fase de expansão, emitiu um tentáculo na direção dos níveis mais elevados, de onde se chegava ao vale do Curimataú e ao sertão, níveis êsses que alcançam 600 metros (morro do cemitério) e já foram ou estão sendo integrados na área urbanizada.

Hoje, a cidade exibe uma ocupação compacta apesar do sítio ondulado. Os “vazios” entre as diversas saídas da cidade, até há poucas décadas ainda encontrados, agora desapareceram, ocupando a área edificada em 1960, um espaço que pode ser avaliado em cerca de 780 hectares, excluindo-se os loteamentos ainda não ocupados de sua periferia. O ritmo anual de construções, que se vem mantendo constante desde aquela data (de duas a quatro edificações por dia, o mesmo se verificando nas reformas), contribui para a ampliação progressiva daquela área. A febre de construções também ali é grande, uma vez que a especulação imobiliária está muito difundida, como aliás em todo grande centro urbano.

Em 1901, a área de Campina Grande era ainda bem limitada “pois os bairros de Piabas, Açude Velho, São José e Lapa (hoje praticamente centrais) eram pouco habitados, havendo casas de 100 em 100 metros aproximadamente”<sup>2</sup>. Embora com a chegada da estrada de ferro em 1907 a cidade houvesse crescido, principalmente na direção da estação, até 1937 a cidade ainda formava um pequeno núcleo compacto em torno do centro inicial — vizinhanças da Catedral, ruas Vila Nova da Rainha, Maciel Pinheiro e João Pessoa. Por esta última estendia-se em direção ao Monte Santo e ao Açude Velho. Construções esparsas alinharam-se ao longo das vias que desse núcleo central partiam em direções diversas em demanda do Brejo, do Sertão, dos Cariris Velhos e do Litoral.

Coincidindo com a abertura de algumas rodovias e melhoria de outras, de capital interesse para a posição da cidade, Campina Grande a partir de 1940 entra numa fase de extraordinário desenvolvimento, que se reflete na notável expansão de seu espaço urbano, nas obras de saneamento e na inauguração do serviço de abastecimento d’água<sup>3</sup>. Nesse ano teve início o loteamento de uma grande propriedade que havia permanecido intocada dentro do perímetro urbano, surgindo, então, o bairro do Prata. Esta foi essencialmente uma fase de preenchimento de algumas áreas intermediárias entre as já existentes e uma acentuada predominância nas direções já citadas.

A aglomeração não interrompeu desde então o seu ritmo de crescimento. Definiram-se as áreas suburbanas e foram calçadas as principais ruas e avenidas.

Em 1948, foram iniciados os planos de loteamento que deram origem a muitos bairros que circundam o velho núcleo da cidade, obedecendo os mesmos a uma certa técnica e seguindo uma visão de conjunto. Desta data até 1960 os loteamentos foram realizados nas zonas noroeste, oeste e sudoeste da cidade. Últimamente as solicitações têm sido para os setores norte, este e sudeste.

O conteúdo social dos bairros da cidade apresenta-se diferenciado. Há aqueles tipicamente proletários, como Monte Santo, Moita, Cruzeiro, Liberdade, José Pinheiro, Bodocongó, Jeremias, outros de classe média

<sup>2</sup> in MANUEL CORREIA DE ANDRADE — *Aspectos Geográficos do Leste da Paraíba*.

<sup>3</sup> Mas a expansão da cidade foi mais rápida que o estabelecimento de toda uma rede de distribuição de águas bem como de esgotos. Assim, hoje, só o centro e alguns bairros possuem tais serviços o que ocasiona grave problema a Campina Grande, principalmente por impedir o seu desenvolvimento industrial.



Foto 2 — Além de uma grande parte da área central, tem-se uma boa visão do sítio ondulado da cidade. Situada em zona de relevo ondulado apresentando vários níveis entre os 500 e 600 metros, Campina Grande não encontrou dificuldades na conquista de maior área para as suas edificações.

Gentileza de "Manchete".

como Palmeira, São José, Alto Branco e outros, ainda, onde já predomina uma classe mais abastada, como é o caso do Prata, Lauritzen e Tavares. Êste dois últimos, mais recentes e localizados mais próximos ao grande espigão, são atualmente os mais valorizados.

Os bairros apresentam algumas vèzes, uma concentração maior desta ou daquela atividade, servindo essa diferença de funções para bem caracterizá-los. Atualmente observa-se em Campina Grande uma acentuada tendência à formação de duas zonas industriais: ao sul do açude Bodocongó, ou seja, a noroeste da cidade, surge uma zona de indústrias de couro, óleos vegetais, papel, pré-moldados, tecidos; no setor sudeste, próximo ao açude Velho e à estação da estrada de ferro, aparecem estabelecimentos maiores como a SANBRA, a Anderson Clayton, Rique e outras. A oeste da cidade pode-se observar, ainda, uma pequena concentração de estabelecimentos industriais e espalhadas por tóda a cidade surgem fábricas menores. Refletindo esta concentração dos estabelecimentos fabris neste ou naquele setor da cidade, é interessante observar-se que há um adensamento de operários por tipo de indústria em determinados bairros. Assim, por exemplo, os que trabalham nos curtumes residem, de preferência, em Bodocongó e os das indústrias de beneficiamento de algodão e sisal em José Pinheiro e Liberdade.



Foto 3 — *Importantes artérias comerciais de Campina Grande. As ruas João Pessoa e João Suaçuna apresentam uma concentração maciça de casas de atacado, sendo que na última há uma predominância de lojas de peças e acessórios de automóveis. Ainda com grande número de casas de comércio surgem as ruas Marquês do Erval e Venâncio Neiva. O número elevado de veículos observados nesta foto demonstra cabalmente a posição que ocupa Campina Grande na rede urbana nordestina*

Gentileza de "Manchete".

Quanto à zona comercial, que corresponde ao velho núcleo, estende-se desde o Mercado Velho até Maciel Pinheiro, havendo tendência para a ligação entre êstes dois trechos comerciais. No setor comercial, digna de nota é a rua João Pessoa, onde é impressionante o número de

casas comerciais de atacado, revelando o vulto da função distribuidora de Campina Grande. De um lado e de outro desta artéria sucedem-se os grossistas, aparecendo, vez por outra, intercalado, algum varejo, como ópticas, casas de *souvenirs* e outras. O movimento de caminhões nesta rua é intenso, sendo considerável o volume de mercadorias que aí é carregado e descarregado. Basta uma observação mais atenta desta rua para se ter, de imediato, uma idéia aproximada da importância do comércio condicionando a prosperidade atual de Campina Grande.

Entre o Mercado Velho e a Maciel Pinheiro concentra-se a grande maioria das casas comerciais campinenses. Especializadas ou não, varejistas ou atacadistas, em tôdas elas o giro comercial é elevado. Ali também se concentra a vida financeira de Campina Grande. Numerosos bancos, matrizes ou filiais de estabelecimentos sediados em outros centros, todos testemunham a extraordinária atividade comercial desta cidade que, sem favor, pode ser considerada a capital econômica de uma extensa área nordestina.

As ruas hoje tipicamente comerciais foram, num passado próximo, também residenciais. Agora, as residências transferem-se para os bairros novos, deixando o centro para os serviços — fenômeno migratório das funções observado na grande maioria dos centros urbanos, quando encetam u'a marcha de real desenvolvimento.

Todo o desenvolvimento de Campina Grande, estampado na própria fisionomia da cidade no decorrer das duas últimas décadas, pode ser bem aquilatado pelo ritmo de crescimento da população. Entre 1940 e 1950 Campina Grande apresentou um aumento bem significativo, da ordem de 114,3%. Enquanto isso, no mesmo período, em João Pessoa, capital do estado foi somente de 25,8%. De 1950 para 1960 embora continuasse a aumentar de modo considerável — 43 762 habitantes a mais em dez anos — o contingente populacional não o fêz com tanta intensidade, tendo caído a taxa de crescimento para 60,4% (neste período João Pessoa apresentou aumento relativo de 51,7%).

Esta quebra aparente no ritmo de crescimento, tão grande de 1940 para 1950 e um pouco menor de 50/60 não pode ser interpretado como uma involução do crescimento da cidade. Entre 1940 e 1950 se dera verdadeiro *rush* no desenvolvimento da cidade, com a abertura de novas estradas e de amplo mercado de trabalho, principalmente nas numerosas construções, na instalação ou ampliação de casas comerciais, na fundação de estabelecimentos fabris.

Campina Grande com uma população que já alcançava 116 226 habitantes em 1960 (população urbana e suburbana), vê-se afetada por uma série de problemas urbanos, típicos das cidades que se desenvolveram muito rapidamente<sup>4</sup>. No seu "centro" já existe problema de estacionamento de veículos, observando-se, também, nas horas de maior movimento, as intermináveis filas à espera dos transportes coletivos características das grandes cidades. O fluxo considerável de pessoas que

<sup>4</sup> Embora Campina Grande esteja próxima de completar o primeiro centenário foi somente nos últimos vinte anos que se deu a sua estruturação como grande centro.



Foto 4 — Aspecto parcial do "centro". As três ruas paralelas observadas: Maciel Pinheiro, Venâncio Neiva e Marquês do Erval são justamente as que apresentam maior movimento comercial, sendo as lojas de varejo as predominantes nestas vias. Ao fundo, a avenida Marechal Floriano e, em primeiro plano, um dos prédios mais recentes e imponentes da cidade — o do Banco Industrial de Campina Grande, onde funciona também o novo hotel.

Gentileza de "Manchete".

pela manhã e à tarde chegam ao centro e dêle partem é devido à concentração no mesmo, de comércio numeroso e diversificado e a sua vida bancária intensíssima, equivalente ou, mesmo, superior à de várias capitais brasileiras.

Numerosas linhas de ônibus e lotações fazem a ligação dos bairros com o centro. Alguns dos bairros como o Prata, Liberdade, José Pinheiro, Monte Castelo, Bodocongó e São José, já possuem certa autonomia comercial, o que também é característico de cidades grandes de estrutura bem diferenciada. Nêles encontramos padaria, restaurante, comércio de tecidos, calçados e farmácia, sendo que em José Pinheiro e Liberdade a lista dos serviços do bairro é acrescida de um cinema.

Contrastando com êstes aspectos que lhe dão padrão de capital, Campina Grande apresenta situações típicas da aglomeração ainda não completamente urbanizada. A população periférica embora trabalhe na cidade, também o faz, vez por outra, na zona rural. Isto resulta do desenvolvimento rápido e de certa forma recente do quadro urbano<sup>5</sup> e também do predomínio da população rural sôbre a urbana.

### *Uma capital do sertão*

Campina Grande, por sua própria fisionomia urbana, já nos deixa entrever o papel que representa na vida de relações do Nordeste.

Ao se analisar cada uma de suas funções verifica-se que funciona como verdadeira capital regional, pois tôdas elas repercutem sensivelmente em ampla área sertaneja e são muitas as aglomerações urbanas, próximas ou não, que dependem de Campina Grande total ou parcialmente. Mas é graças à sua extraordinária atividade comercial e à posição que ocupa no quadro geral das exportações do Nordeste que Campina Grande pode ser considerada, a rigor, como a capital econômica, não só da Paraíba, mas de uma área mais extensa, que ultrapassa, de muito, os limites estaduais.

O seu comércio, principalmente o atacadista, além de atuar em tôda a Paraíba atinge dilatadas áreas de estados limítrofes, alcançando, mesmo, cidades e vilas muito distantes. Para ela convergem diversos produtos nordestinos, ora para fins de classificação como é o caso dos minérios, ora para beneficiamento e posterior exportação para as praças nacionais e estrangeiras, como se verifica em relação ao algodão, à agave, aos couros e peles. Conseqüentemente, sua vida bancária é muito ativa.

A atuação comercial de Campina Grande, principalmente através dos grossistas, é extraordinária. Ultrapassando os limites da Paraíba penetra folgadoamente nos estados vizinhos do Rio Grande do Norte, Ceará e Pernambuco e, em escala mais reduzida, atinge, também, os estados do Maranhão e do Piauí, onde as vendas alcançam Bacabal, Pedreiras e São Domingos do Maranhão. Em direção ao sul, apesar da presença de Recife no litoral pernambucano, Campina Grande aparece vendendo, também, para algumas praças do sertão de Pernambuco e do interior de Alagoas, mormente para Arapiraca e Santana do Ipanema.

No estado da Paraíba, observa-se que das vendas varejistas e atacadistas, são pouco numerosas as destinadas à zona dos Cariris Velhos,

<sup>5</sup> Num dos curtumes da cidade (o São Geraldo) o número de operários varia muito, chegando a quase metade na época das chuvas, quando muitos operários vão para a roça.

desde que o nível aquisitivo da população ali é muito baixo, devido às atividades econômicas mais extensivas em decorrência de condições naturais mais precárias. É a zona mais seca da Paraíba, de ocupação mais rarefeita e criação mais extensiva. Para a zona litorânea as vendas também são, de certo modo, reduzidas devido à proximidade e facilidade de acesso à capital estadual, e mais especialmente a Recife. Apesar disto, verificou-se em relação à capital um fato interessante nos inquéritos realizados na cidade: também João Pessoa compra no comércio de Campina Grande, o que é devido, em parte, à maior variedade de certos ramos, como o de acessórios e peças de automóveis, ou bem ao maior movimento comercial da praça e ainda por uma questão de preços mais baixos.

As vendas por atacado realizadas para o Rio Grande do Norte — estado que muito compra em Campina Grande — são bastante numerosas e diversificadas, excetuando-se, ainda aí, a zona do litoral oriental, mais diretamente voltada para Natal e Recife e o litoral setentrional, onde as poucas aglomerações urbanas dependem diretamente de Moçoró e eventualmente dos grandes centros do Sul.

Do estado do Ceará, somente o trecho de sudeste acha-se voltado para Campina Grande, pois as demais zonas acham-se mais diretamente vinculadas à própria capital. Vendendo, também, para o território pernambucano, as cidades mais próximas à fronteira da Paraíba, em especial do vale do Pajeú, Campina Grande não chega a ter o domínio comercial desta área, pois vê a sua atuação aí restringida, devido à proximidade de Caruaru e relativa facilidade de comunicação com Recife, a única verdadeira metrópole do Nordeste, as duas superpondo a sua atuação numa área relativamente grande de Pernambuco.

Este comércio campinense que atua em regiões bem distantes é o mais diversificado e especializado, sendo de se notar, o desenvolvimento de certos ramos, como, por exemplo, o de veículos, peças e acessórios, o que é facilmente compreensível, tendo-se em conta a sua posição de ponto de cruzamento de importantes rodovias e porta de entrada para o sertão paraibano e potiguar e também do sul do Ceará e do Piauí, para quem vem do leste, de Recife.

Tanto o varejo quanto o atacado dos mais diversos ramos, desde as estivas até os mais especializados, como o de jóias, material fotográfico e outros, estão todos bem representados em Campina Grande, pelo grande número de estabelecimentos. Em 1962 a cidade contava com 276 estabelecimentos atacadistas e 848 varejistas <sup>6</sup>.

Levando em conta o notável desenvolvimento comercial da cidade, seria de esperar um desenvolvimento paralelo do seu parque industrial. Contudo, grande desigualdade se verifica entre os setores terciário e secundário.

Embora seja Campina Grande dos mais importantes centros de concentração industrial da Paraíba (em 1962 contava 24 estabelecimentos industriais com mais de 10 operários e 12 estabelecimentos

<sup>6</sup> Dados fornecidos pela Agência Municipal de Estatística de Campina Grande.



Foto 5 — Aspectos significativos de Campina Grande surgem nesta fotografia, como o açude Velho, inaugurado em 1828 e que foi, durante um século, o único açude perene da Borborema. Próximo a ele, numa zona de concentração industrial da cidade, aparece com realce uma das indústrias mais importantes — a SANBRA, com seu conjunto de edifícios, onde trabalham de 650 a 1 000 operários. O algodão e o sisal são as matérias-primas trabalhadas pela Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro, que distribui seus produtos tanto para o mercado interno quanto para o estrangeiro.

Observa-se, ainda, em primeiro plano, um dos bairros proletários da cidade — Liberdade, que é o preferido pelos operários da SANBRA, devido à maior proximidade da fábrica. A fotografia patenteia ainda o grau de urbanização já atingido por esta cidade, possuidora de tão grande projeção na Região Nordeste.

Gentileza de "Manchete".

com mais de 50 operários)<sup>7</sup>, a maior parte de suas indústrias, com raras exceções, limitam-se a simples beneficiamento de matérias-primas para exportação, sobressaindo as de algodão, agave, minérios e as de óleos.

Com projeção bem menor, as indústrias de transformação de Campina Grande são também representadas pelas fábricas de massas, calçados, artefatos de couro, sabão, sacaria, instrumentos agrícolas, papel e outras.

Comparando-se estes dois grupos de indústrias, o de beneficiamento (estão incluídas aqui as fábricas de óleo, uma vez que aquelas que descaroçam o algodão, quase tôdas fabricam o óleo) e o de transformação, observa-se grande disparidade tanto no que se refere à origem dos capitais, ao valor da produção quanto, principalmente, à amplitude dos negócios e extensão do mercado.

As indústrias de beneficiamento foram as que surgiram primeiro, havendo, porém, casos de algumas mais recentes, como a usina de algo-

<sup>7</sup> Dados fornecidos pela Agência Municipal de Estatística de Campina Grande.

dão de Campina Grande, fundada no ano de 1957. As de transformação, em grande maioria, foram instaladas a partir de 1940, tendo-se dado um incremento industrial ainda mais pronunciado a partir de 1950, acompanhando diretamente a projeção maior da cidade na região.

Em algumas das grandes indústrias de beneficiamento os capitais são estranhos a Campina Grande e, muitas vezes, ao próprio Nordeste. Este é o caso da Anderson Clayton e da SANBRA. As indústrias de transformação são originárias, muitas vezes, de capitais campinenses, de antigos empregados nas próprias indústrias ou então, pessoas ligadas ao comércio — comerciantes ou, em alguns casos, comerciários. Algumas vezes, o capital embora não seja originário da própria Campina Grande é das suas redondezas — Guarabira, Cajazeiras e mesmo de Recife. De acordo com os dados da Agência de Estatística da cidade, dos doze maiores estabelecimentos industriais de Campina Grande (os que possuem mais de 50 operários), nove deles resultam de aplicação de capitais locais, um da cidade de Patos, um de São Paulo e um de capital estrangeiro.

A aplicação de capitais acumulados no comércio às indústrias, poderia ser bem maior, dado o grau de importância da função comercial desse centro urbano, se não fosse a especulação imobiliária que no momento é detentora de grande poder de atração.

As indústrias de beneficiamento alcançam mercados consumidores distantes, escapando ao âmbito estreitamente nordestino, no que se diferenciam daquelas outras de transformação, mais dependentes do mercado regional, que ora se amplia de modo a abranger todo o Nordeste, quando se trata dos artefatos de couro, sacos, instrumentos agrícolas, papel e, ora se reduz ao estado paraibano ou, às vezes, ainda mais, de modo a abranger somente uma pequena área circunvizinha a Campina Grande. Este último é o caso das fábricas de sabão, das que trabalham com madeira, mosaicos e massas alimentícias. A população, já bastante numerosa, e a constante e crescente expansão da área edificada desse organismo urbano fazem com que grande parte dos produtos fabricados por estas indústrias seja consumidos ali mesmo.

Levando-se em conta a proximidade do parque industrial de Recife e certas deficiências impostas pelo próprio sítio de Campina Grande ao desenvolvimento industrial, como o da escassez d'água, compreende-se porque as indústrias de transformação são ainda muito pequenas e seu mercado essencialmente local e regional.

Por outro lado, aquelas indústrias que somente beneficiam a matéria-prima alcançam mercados bem mais longínquos. Assim, os curtumes, além de realizarem suas vendas para várias localidades do Nordeste e do Norte do país, também o fazem para o Sul: para o Rio de Janeiro, São Paulo e até mesmo Novo Hamburgo no Rio Grande do Sul. Nas grandes firmas que beneficiam o algodão como a Anderson Clayton, a SANBRA, a Araújo Rique, ainda mais amplo se torna o mercado, uma vez que o algodão, como a agave, além de se dirigir para as fábricas do estado paraibano, é remetido, também, para os grandes mercados nacionais e estrangeiros.

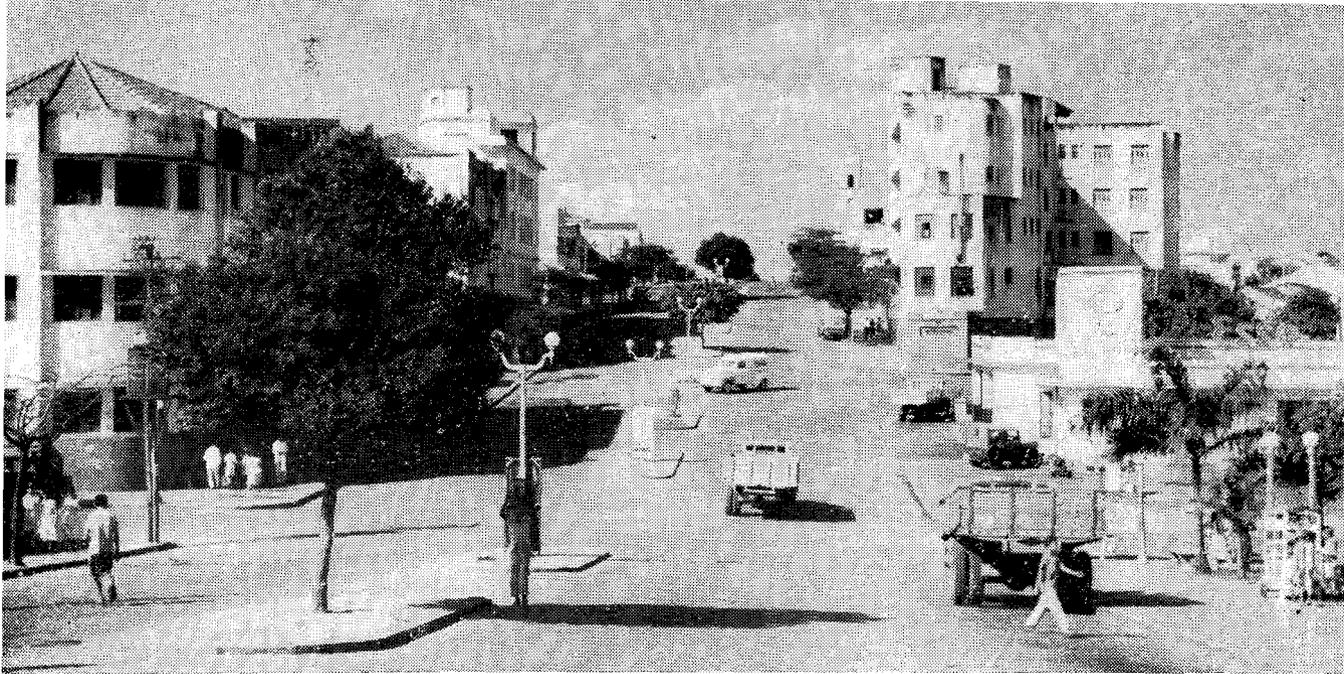


Foto 6 — Trecho da avenida Marechal Floriano na parte central da cidade. Artería ampla e muito extensa corta toda Campina Grande, atravessando-a de NE a SO.

Foto CNG — Tibor Jablonsky

De acôrdo com os dados da Secção de Classificação de Campina Grande<sup>8</sup> pela safra de 1961/62 o algodão em pluma ali classificado tomou o seguinte destino:

DESTINO	Fardos	P. Líquido (kg)	Valor comercial (Cr\$)
Fábricas do estado.....	13 582	2 186 454	319 378 521,00
Diversos estados do Brasil.....	85 300	15 365 516	2 724 767 953,00
Exterior.....	43 958	8 398 501	1 370 814 282,00

Como se vê, as fábricas do estado, em número reduzido, pouco absorvem do total, uma vez que não consomem sequer 10% do algodão beneficiado.

Dos estados da Federação os quatro que mais compram são justamente aquêles onde se acha mais desenvolvida a indústria têxtil: São Paulo, Minas Gerais, Guanabara e Pernambuco. Quanto ao exportado, o maior número de fardos segue para a Alemanha Ocidental e Países Baixos, mas aparecem, também, como compradores a França, a Espanha, o Japão, a Itália e ainda outros, mas em menor quantidade. Outra fibra têxtil, o sisal, classificado em Campina Grande também se encaminha para o exterior (principalmente para os Países Baixos, Alemanha Ocidental, Estados Unidos e Bélgica) e para alguns estados como Pernambuco, Guanabara, São Paulo e Pará. Contrariamente ao algodão, no que diz respeito à agave, o maior número de fardos encaminha-se para o exterior.

<sup>8</sup> Em Campina Grande funciona a Secção de Classificação de Produtos Agropecuários subordinada ao Departamento de Classificação que funciona em João Pessoa com o nome de Serviço do Acôrdo de Classificação de Produtos Agrícolas e Pecuários. A Secção de Campina Grande compreende os seguintes municípios: Campina Grande, Esperança, Alagôa Grande, Alagoa Nova, Remígio, Coité, Picuí, Barra de Santa Rosa, Ubatí, Pocinho, Pedra Lavrada, Juazeirinho, Soledade, Cabaceiras, Monteiro, São João do Cariri, Teixeira, Taperoá, Cornoíó, Queimadas, Aroeiras, Serra Redonda, Ingá.



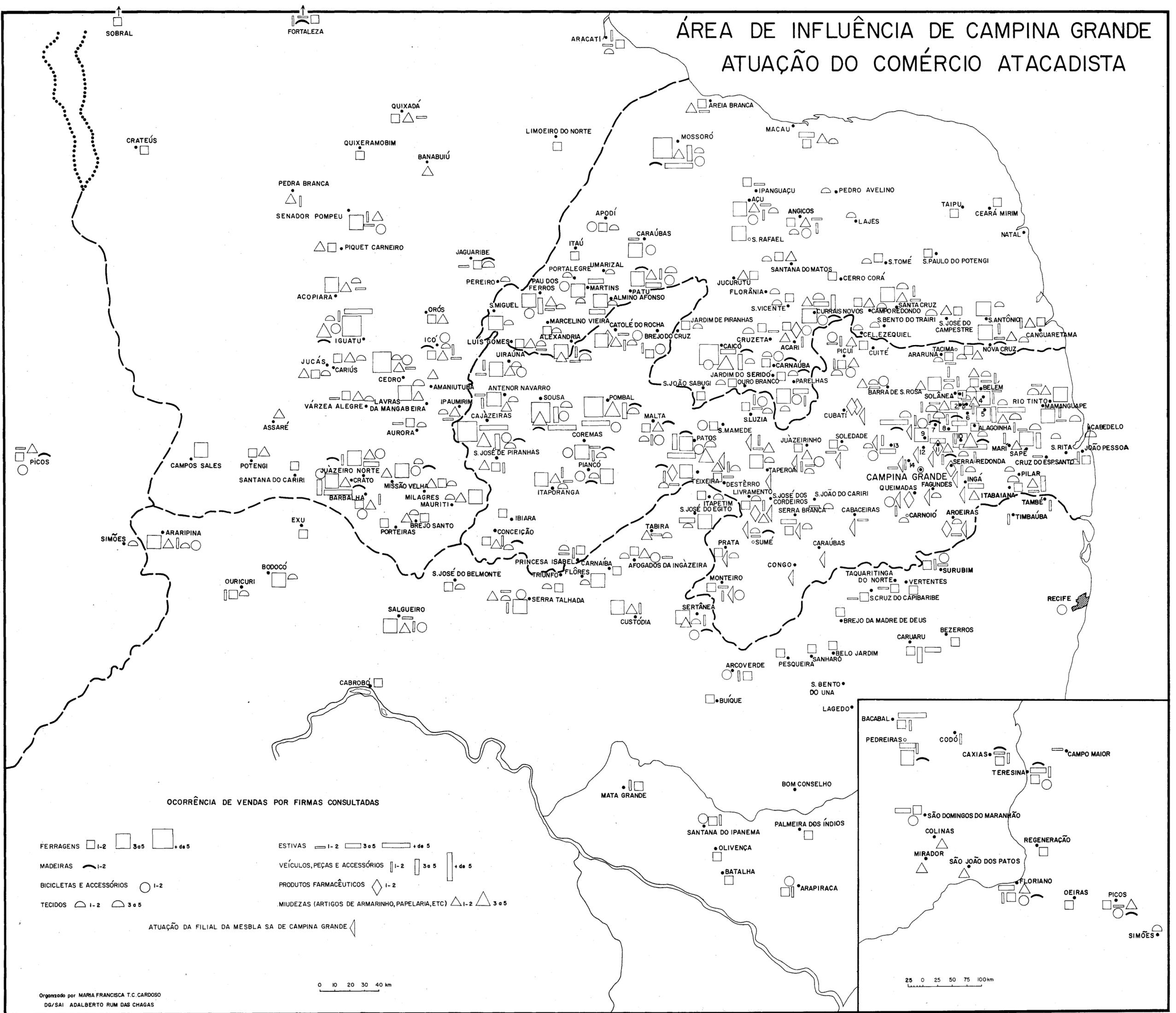
Foto 7 — Outro trecho da avenida Marechal Floriano, abrangendo um pequeno setor da praça da Bandeira. Foto CNG — Tibor Jablonsky

As fibras de algodão e agave, beneficiadas e classificadas em Campina Grande, são produzidas no próprio município ou em zonas próximas. Embora a Secção de Classificação de Produtos Agropecuários de Campina Grande compreenda somente os municípios de Esperança, Alagoa Grande, Alagoa Nova, Remígio, Coité, Picuí, Barra de Santa Rosa, Ubatí, Pocinho, Pedra Lavrada, Juazeirinho, Soledade, Cabaceiras, Monteiro, São João do Cariri, Teixeira, Taperoá, Cornoió, Queimadas, Aroeiras, Serra Redonda, Ingá, as indústrias que beneficiam o algodão e a agave adquirem estas fibras também em outras zonas do estado e no Rio Grande do Norte, aparecendo além deles o Ceará e o estado de Pernambuco quando se trata de matéria-prima para as fábricas de óleo.

Pelo volume dessas fibras poderiam elas abastecer grandes fábricas de fiação, caso as houvesse na cidade. A sua ausência, verdadeira falha da economia campinense, já era deplorada em fins do século passado por IRINEU JOFFILY, que em seu livro *Notas sobre a Paraíba* chamou a atenção para o fato: “A cultura do algodão exige, também, duas fábricas de tecidos, sendo uma na capital do estado que serviria a todo o território aquém da Borborema, e outra na cidade de Campina Grande, que, abastecendo-se do algodão de todo o sertão, evitasse ao mesmo tempo o desvio deste produto para o vizinho estado de Pernambuco”.

Procedentes da zona metalogenética da Borborema (centro-norte da Paraíba e centro-sul do Rio Grande do Norte), os minérios, repre-

# ÁREA DE INFLUÊNCIA DE CAMPINA GRANDE ATUAÇÃO DO COMÉRCIO ATACADISTA



OCORRÊNCIA DE VENDAS POR FIRMAS CONSULTADAS

- |                         |                            |  |                            |
|-------------------------|----------------------------|--|----------------------------|
| FERRAGENS               | □ 1-2   □ 3 a 5   □ + de 5 | ESTIVAS  | — 1-2   — 3 a 5   — + de 5 |
| MADEIRAS                | ⤿ 1-2                      | VEÍCULOS, PEÇAS E ACESSÓRIOS                   | ▮ 1-2   ▮ 3 a 5   ▮ + de 5 |
| BICICLETAS E ACESSÓRIOS | ○ 1-2                      | PRODUTOS FARMACÊUTICOS                         | ◇ 1-2                      |
| TECIDOS                 | △ 1-2   △ 3 a 5            | MUDEZAS (ARTIGOS DE ARMARINHO, PAPELARIA, ETC) | ▲ 1-2   ▲ 3 a 5            |

ATUAÇÃO DA FILIAL DA MESBLA SA DE CAMPINA GRANDE

0 10 20 30 40 km

25 0 25 50 75 100 km

Organizado por MARIA FRANCISCA T.C. CARDOSO  
DG/SAI ADALBERTO RUM DAS CHAGAS

Fig. 2 IDENTIFICAÇÃO DOS MUNICÍPIOS NUMERADOS

- |              |              |             |           |                  |                   |             |
|--------------|--------------|-------------|-----------|------------------|-------------------|-------------|
| 1 BANANEIRAS | 3 BORBOREMA  | 5 GUARABIRA | 7 REMÍGIO | 9 ESPERANÇA      | 11 ALAGOA NOVA    | 13 POCINHOS |
| 2 SERRARIA   | 4 PIRIPITUBA | 6 PILOES    | 8 AREIA   | 10 ALAGOA GRANDE | 12 ALAGOA DE ROÇA | 14 PUXINANÁ |

sentados principalmente pela tantalita, o berilo e a xilita, são também beneficiados em Campina Grande e procuram o mercado externo. Durante a segunda guerra mundial, a exploração de minério, realizada desde 1935 na Borborema, tomou grande incremento, surgindo diversas firmas especializadas. Estes minérios de grande valor estratégico procediam antes do Oriente, mas em decorrência do conflito foram incrementadas as suas pesquisas na Região Nordeste, a fim de suprir as necessidades dos aliados.

A função industrial de Campina Grande que se pode considerar, ainda, em seus primórdios, é bem mais recente que a comercial, pois esta, surgindo com o próprio povoado, desde então, só fêz crescer, e aquela só teve um real desenvolvimento com o advento da circulação rodoviária. Embora algumas indústrias já estivessem instaladas antes de 1940, em maior número são posteriores a esta data, e, mesmo assim, a sua diversificação ainda é, como se viu, muito pequena.

Tôda essa pujança de Campina Grande principalmente do setor comercial reflete-se na vida financeira e, conseqüentemente, em sua organização bancária. Nada menos de 15 bancos (incluindo as cooperativas que funcionam como bancos) atuam ativamente em Campina Grande, sendo que nove dentre eles são as próprias matrizes.

Além do Banco do Brasil, que desempenha importante papel em todo o território nacional e o Banco da Lavoura de Minas Gerais, com sede na capital mineira e um dos bancos brasileiros mais possantes, todos os outros interessam particularmente ao Nordeste.

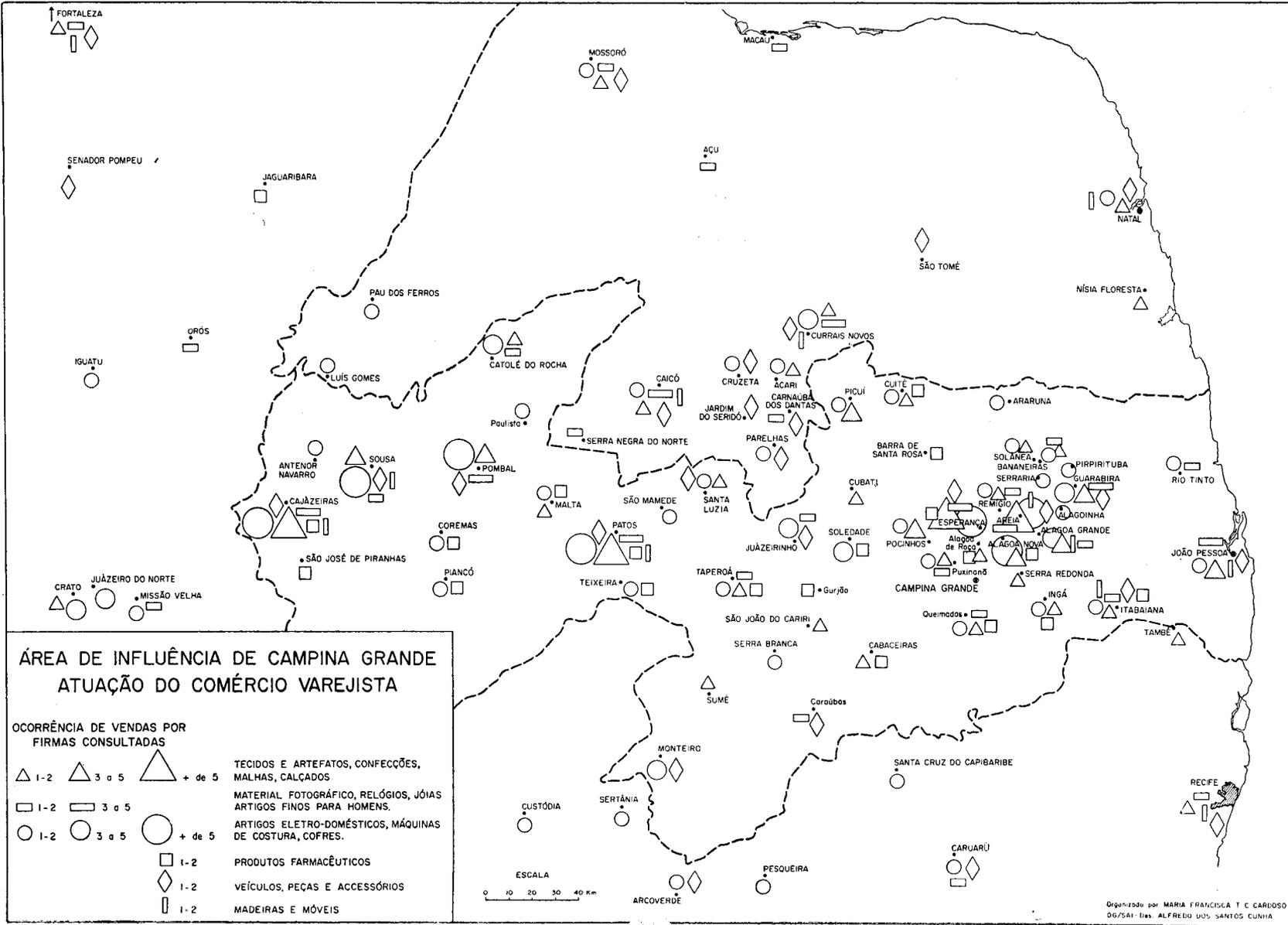
Muitos dos bancos sediados em Campina Grande devem a sua abertura à acumulação de capitais realizada no comércio, sendo, ainda, o comércio o ramo de atividade a que mais se ligam.

Pelas datas de fundação destes mesmos bancos ou das agências verifica-se que o mais antigo a ser instalado em Campina Grande foi o Banco do Brasil em 1922. Seguiu-se o Banco Auxiliar do Povo S/A, fundado em 1934. Todos os outros surgiram a partir de 1939-40, coincidindo, portanto, com a fase de maior desenvolvimento da cidade ligada à ampliação das relações regionais graças à circulação rodoviária.

### *A região de Campina Grande*

Campina Grande é realmente a grande capital regional do interior nordestino. Suas funções, quer as econômicas, quer as de caráter sócio-cultural bem o demonstram. Além da população residente nas zonas próximas, extensa área volta-se para Campina Grande para se valer de seu comércio, de seus bancos, como de seus hospitais, colégios, faculdades e tôda a série de manifestações da vida citadina.

Graças à pesquisa efetuada na própria cidade, tanto no comércio (retalhista e grossista) quanto nos bancos, nas escolas, nos hospitais, nas redações de jornais, etc., foi possível, após a elaboração de uma série numerosa de mapas e posterior comparação dos mesmos, distin-



# ÁREA DE INFLUÊNCIA DE CAMPINA GRANDE ZONA DE JURISDIÇÃO DOS BANCOS

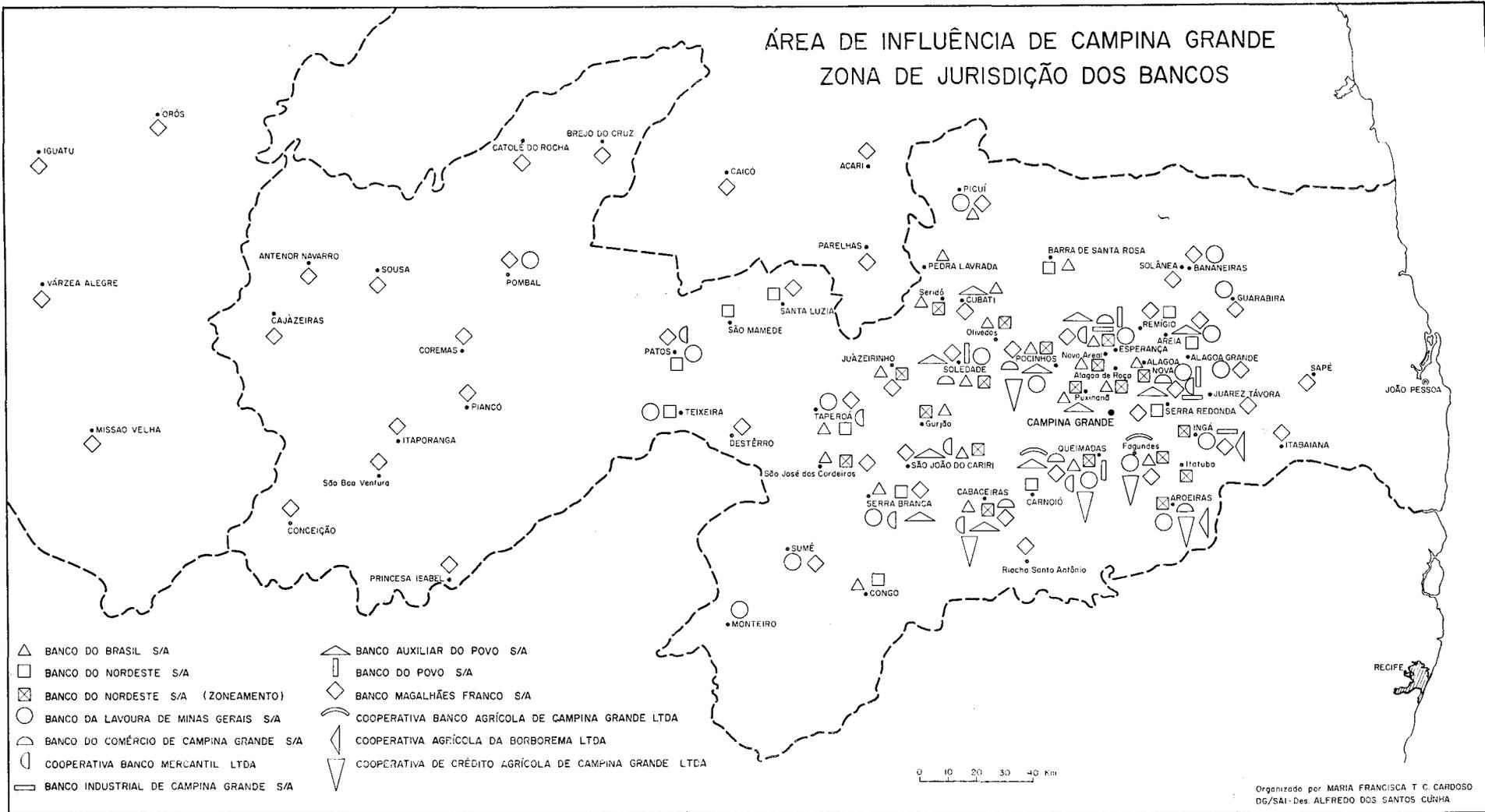


Fig. 4

Organizado por MARIA FRANCISCA T. C. CARDOSO  
DG/SAI - Des. ALFREDO DOS SANTOS CUNHA

guirem-se três áreas onde Campina Grande atua com intensidade variável, isto é, de maneira mais ou menos marcante.

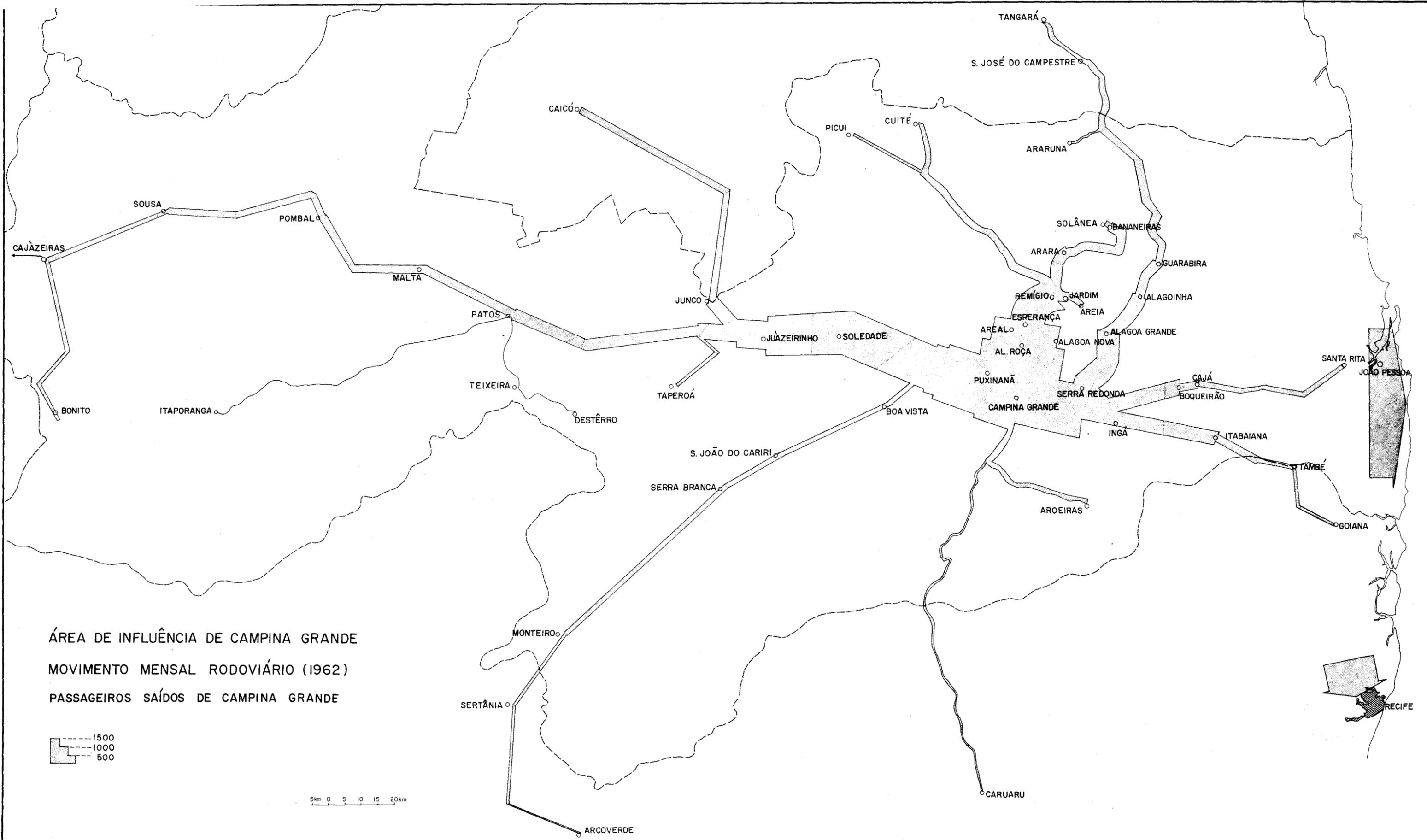
Numa primeira área, a influência de Campina Grande é dominante, exclusiva. Esta área engloba as zonas do Brejo e dos Cariris Velhos, atingindo para leste Guarabira, Alagoa Grande, Ingá (em certos casos, Itabaiana). Esta dependência mais estreita pode ser verificada em diversos mapas, principalmente naquele da influência bancária, onde estão marcadas as áreas de jurisdição ou de atuação dos diversos estabelecimentos bancários de Campina Grande, principalmente do Banco do Nordeste, único que apresenta uma distinção no interior de sua zona de atuação entre a área de jurisdição e a de zoneamento, sendo esta última demonstrativa de um maior grau de dependência<sup>9</sup>.

Outros mapas ainda delimitam com nitidez esta área. É o caso daquele que mostra o movimento mensal rodoviário de passageiros embarcados em Campina Grande. Dentro desta área, o movimento é constante. Pelas estradas que divergem de Campina Grande rumo aos vários centros que a rodeiam, circulam diariamente numerosos ônibus. Considerável é o número de passagens vendidas pelas empresas rodoviárias encarregadas desses percursos; o mesmo se verifica na estação ferroviária (passagens vendidas em Campina Grande), embora a ferrovia não sirva a todos os centros.

Tal facilidade de comunicação, que se acentua com o correr dos dias, torna cada vez mais íntima e completa a dependência dos centros dessa pequena região à sua capital. Grande parte da população das cidades de Guarabira, Bananeiras, Alagoa Grande, Esperança, Fagundes, Queimadas, São João do Cariri, Soledade e muitas outras, localizadas nesta área, abastece-se diretamente em Campina Grande, o que bem se pode observar no mapa demonstrativo do raio de ação do comércio varejista. Em várias lojas pertencentes ao comércio retalhista existe, mesmo, clientela certa, residente em centros dessa área de influência imediata.

O mapa da influência hospitalar poderia demonstrar melhor esse domínio de Campina Grande na sua área imediata, mas a presença de um hospital do IPASE — o Hospital Regional Alcides Carneiro, atraindo doentes contribuintes de áreas muito longínquas, deturpa, de certo modo, este fenômeno. Considerando-se em separado um outro hospital da cidade, o Pedro I, a dependência maior desta primeira área de atração de Campina Grande torna-se mais clara, embora seja bem menor o número de doentes internados, mas isso poderia ser explicado apenas pelas possibilidades mais reduzidas desse hospital. A essa região imediata corresponde, também, a jurisdição da diocese de Campina Grande limitada, contudo na direção de leste, onde as paróquias já pertencem a outras dioceses.

<sup>9</sup> Os tipos de empréstimos variam quer se trate de área de jurisdição, quer se trate da de zoneamento. Nesta podem ser feitos todos os tipos de empréstimos, sobretudo os destinados às operações de investimentos que criam condições para a produção. Já na área chamada de jurisdição somente alguns tipos de empréstimos podem ser feitos — sobretudo aqueles destinados às chamadas operações de custeio, financiamento à lavoura e pecuária e duplicatas — títulos descontados à lavoura e comércio.



ÁREA DE INFLUÊNCIA DE CAMPINA GRANDE  
 MOVIMENTO MENSAL RODOVIÁRIO (1962)  
 PASSAGEIROS SAÍDOS DE CAMPINA GRANDE

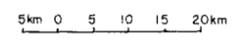
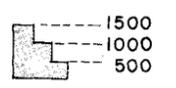
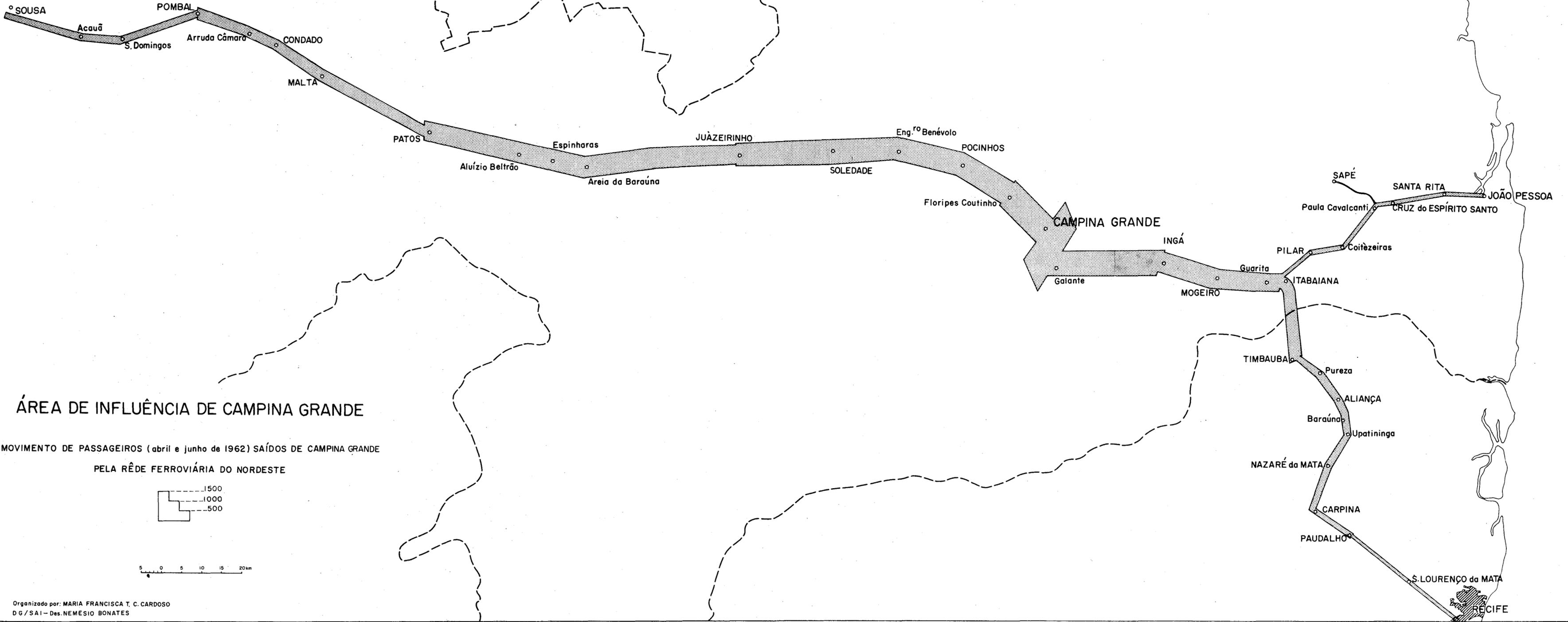


Fig. 5



Organizado por: MARIA FRANCISCA T. C. CARDOSO  
D G / SAI - Des. NEMESIO BONATES

Fig. 6

Um outro elemento não pode ser esquecido ao procurarmos caracterizar as relações do grande centro com a sua região imediata de dependência mais acentuada. Trata-se das relações da cidade com a vida rural. Na cidade funcionam as chefias de duas jurisdições de órgãos administrativos estaduais que, pelas respectivas áreas de atuação reforçam a dependência desta primeira zona a Campina Grande. Essa atuação em relação à vida rural é atestada com maior intensidade pelo número de pessoas residentes em outros municípios (como de Cabaceiras, Boqueirão, Aroeiras, Queimadas, São João do Cariri, Soledade, Olivados e Pocinhos) e pelas próprias associações rurais de outras comunas (como Alagoa Grande, Alagoa Nova, Remígio, Esperança, Taperoá) que se valem da Associação Rural assim como da Cooperativa Rural Mista de Campina Grande. Desta mesma área, provém o abastecimento da cidade em legumes, verduras, frutas, batata-inglesa, farinha de mandioca, carne de sol, produtos estes expostos pelas ruas em dias de feira, feiras essas que constituem outra manifestação da atividade comercial e que são um verdadeiro mostruário dos produtos do brejo, do agreste e do sertão paraibano.

Nesta área em que reconhecemos a influência imediata de Campina Grande, não se encontra nenhum outro centro urbano de realce. Nenhum deles tem condições para sobressair em qualquer setor de atividade, diante da forte polarização exercida pela capital regional.

Uma segunda área, onde a atuação de Campina Grande ainda é considerável e bem direta, abrange todo o restante do estado da Paraíba (excluindo apenas a região litorânea, subordinada diretamente a João Pessoa), alcança o sul do Rio Grande do Norte (a região de Parelhas, Caicó até Currais Novos) e, de certa forma, o sudeste do Ceará, isto é, a região do Crato e Juazeiro do Norte.

Algumas atividades da vida citadina campinense possuem grande força de penetração nesta segunda área. Verifica-se, assim, através dos mapas, o movimento comercial considerável, a venda significativa dos jornais, tanto no que diz respeito às assinaturas quanto aos exemplares avulsos, e ainda, a grande influência hospitalar de Campina Grande. O montante das vendas atacadistas dentro dessa zona é algo de extraordinário, podendo-se estender tal afirmativa ao comércio varejista, em se tratando do estado paraibano. A influência cultural, através dos jornais editados em Campina Grande, também se faz sentir, principalmente dentro da Paraíba e, de preferência, na sua porção ocidental, uma vez que, para leste, os jornais de João Pessoa são os preferidos.

Dentro desta segunda área, Campina Grande vai procurar algumas das matérias-primas destinadas às suas indústrias de beneficiamento: o algodão e a agave procedem do próprio estado paraibano, da zona dos Cariris Velhos e do sertão. Até há uns dez ou quinze anos o algodão do Rio Grande do Norte e de parte do Ceará convergia para Campina Grande de onde era exportado. Hoje, o algodão paga impôsto ao entrar e sair do estado. Este impôsto duplo fêz com que a mercadoria passasse

a sair pelos portos dos estados produtores, ou então, pela rodovia, como no caso do Ceará, através da Transnordestina.

Os minérios são provenientes da zona metalogenética da Borborema que compreende o centro-norte da Paraíba e o centro-sul do Rio Grande do Norte.

As funções coletora e distribuidora de Campina Grande, exercidas, como se vê com grande intensidade no interior dessa segunda área, são condicionadas pelas facilidades das comunicações rodo-ferroviárias. Interessante é observar êste estreito entrosamento no mapa do comércio varejista, onde se nota que as vendas mais diversificadas são realizadas para aqueles centros onde há u'a maior facilidade de transporte, como por exemplo, para Patos, Pombal, Sousa, servidos pela Rodovia Central da Paraíba e pela Rêde Ferroviária do Nordeste.

O mapa do movimento mensal rodoviário confirma a dependência de tôda a rêde urbana dessa ampla região à cidade campinense. Números são os ônibus que, diàriamente, ou em várias viagens semanais, estabelecem ligação de Campina Grande com os centros urbanos da área em aprêço e tais linhas não se limitam, simplesmente, ao estado paraibano, mas, ultrapassando as divisas do mesmo alcançam, também, o Rio Grande do Norte e o Ceará.

Alguns centros urbanos importantes, embora dependentes de Campina Grande salientam-se nessa segunda área de influência da grande capital do sertão. Possuem, por sua vez, suas zonas de influência próprias, variável em decorrência da sua maior ou menor projeção. São êles Patos, Sousa, Cajazeiras, Pombal e Caulé do Rocha, na Paraíba; Caicó e Currais Novos, no Rio Grande do Norte; Crato e Juazeiro do Norte, no Ceará. Papel de maior importância é desempenhado por Patos, um centro sertanejo de importância crescente e, no estado vizinho, por Crato-Juazeiro.

Por serem centros de certa importância, dispendo de estabelecimentos comerciais atacadistas e indústrias de beneficiamento, lógicamente as cidades acima referidas já apresentam vida bancária mais progressista, sendo que muitos bancos nelas instalados possuem sua própria zona de jurisdição, independentes da influência direta de Campina Grande. Esta influência às vèzes se manifesta apenas por serem os bancos filiais dos de Campina Grande. Comparada com a primeira área acima referida êste segundo setor de influência revela, portanto, menor intensidade na atuação bancária direta da grande cidade.

Finalmente, assinala-se uma terceira área, onde Campina Grande atua, quase sòmente, através da sua função mais importante — aquela que é a detentora de maior poder de penetração, o comércio atacadista. Realmente, é a função distribuidora que melhor caracteriza a vida econômica de Campina Grande. Aquela que faz desta cidade um fenômeno extraordinário, não só da região nordestina, mas da própria rêde urbana brasileira.

A região de atuação do comércio grossista abrange tôda a Paraíba e Rio Grande do Norte, mesmo as zonas não incluídas na segunda área.

Estende-se em Pernambuco, até o vale do Pajeú e municípios sertanejos próximos (Itapetim, São José do Egito, Afogados de Ingazeira, Serra Talhada, Sertânia, Custódia). Além da zona dos Cariris Novos, municípios cearenses situados no eixo do vale do Jaguaribe incluem-se nessa mais ampla área de atuação de Campina Grande, do mesmo modo que Moçoró e o sudoeste do Rio Grande do Norte. Em certos ramos do comércio atacadista, como o de veículos, peças e acessórios e também no de estivas, esta terceira área de influência amplia-se notavelmente (o que já foi visto no capítulo anterior), pois chega a alcançar Bacabal, Pedreiras e outras cidades do vale do Mearim, no Maranhão. A fim de melhor se aquilatar o grau desta penetração, basta lembrar que das dez firmas consultadas em Campina Grande, especializadas no ramo de estivas, seis negociam com Bacabal e cinco com Pedreiras. Apesar de estarem estas cidades sob a influência mais direta de São Luís e também de Fortaleza, a atuação de Campina Grande também ali chega, graças à existência de boas estradas longitudinais.

A influência de Campina Grande nos estados do Meio-Norte é também comprovada pelo crescente número de estabelecimentos comerciais filiais da praça de Campina Grande sediados nas suas cidades e também, pelos estabelecimentos fundados por pequenos comerciantes que, a partir dos últimos anos, têm emigrado para o Piauí e o Maranhão. Tais fatos são significativos da dominância econômica ou ascensão do centro paraibano, com o foi, por exemplo, em Campina Grande, há vinte anos passados, quando pequenos comerciantes ou simples caixeiros-viajantes de Recife ali foram fundar estabelecimentos comerciais.

Enquanto a atuação de Campina Grande no estado potiguar não causa espanto, dada a inexistência, ali de grande centro polarizador, a sua penetração, principalmente através dos grossistas, no estado pernambucano, já causa certa estranheza. Isto devido a ser a capital dêste estado a própria metrópole de todo Nordeste e, também, por causa da existência de outros centros de menor grandeza do que Recife, mas de grande força de atuação como Caruaru, por exemplo. Só se pode, portanto, explicar essa intensa atuação campinense pela grande diversificação e especialização do comércio da praça paraibana, digna de concorrer com as grandes praças nacionais. Até mesmo com Araripina, Salgueiro e Serra Talhada (Pernambuco) negociam comerciantes, de todos os ramos, de Campina Grande. Em outros centros mais importantes, como Caruaru e Arcoverde, as vendas quase se limitam às peças e acessórios de automóveis, uma quase especialização do comércio campinense.

A faixa periférica desta terceira área de influência da capital do sertão é uma zona de interpenetração entre a atuação da própria Campina Grande e a de outros centros nordestinos, como Fortaleza, Natal, Recife (através de Caruaru), predominando às vezes a de uma, às vezes a de outra.

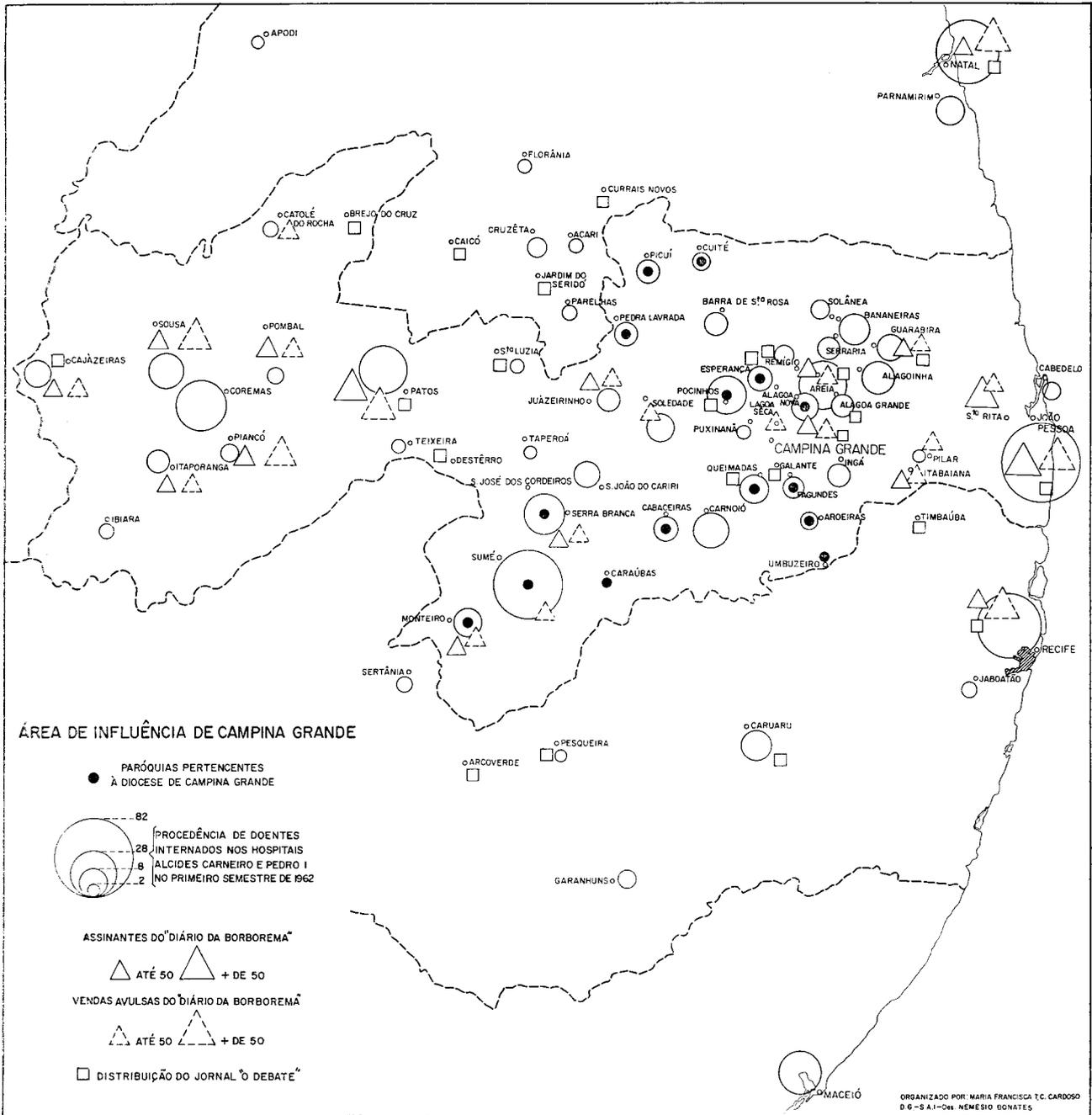


Fig. 7

Nessa faixa periférica são as vinculações econômicas que constituem a força do domínio de Campina Grande, principalmente através da sua função distribuidora.

Atuando em área tão vasta, Campina Grande é realmente o centro vital de grande parte do sertão nordestino, à qual serve das formas mais variadas através das suas numerosas funções em especial as de distribuição.

*O papel das comunicações na atuação da capital regional*

A grande atuação de Campina Grande, que se manifesta primordialmente no setor comercial, mas também se distingue nos outros setores da vida funcional, resulta, indiscutivelmente, de sua posição geográfica, no contacto de regiões diferentes, o que facilita a concentração dos produtos mais diversos, e das facilidades oferecidas, hoje, por uma rede de estradas que dela partem em diversas direções.

Se, no passado, o simples fato de estar situada em zona de transição entre regiões naturais diversas e funcionar, por conseguinte, como uma aglomeração de "contacto" foi fator precípua para o seu desenvolvimento, com o correr dos tempos, a sua posição sofreu sensíveis melhorias, pois ao fator natural propício somaram-se as vantagens decorrentes das vias de comunicação abertas e construídas pelo homem. Campina Grande aparece, então, hoje, em posição estratégica dentro da rede rodo-ferroviária do estado e do próprio Nordeste, sobressaindo logicamente, no quadro urbano nordestino.

Localizada em zona de agreste, mas relativamente próxima aos seus limites ocidentais, acha-se, portanto, muito perto do sertão. Não muito longe, também, de Campina Grande, a poucos quilômetros a norte e nordeste da cidade, o agreste típico cede lugar à área mais úmida do brejo, drenada pelo alto Mamanguape e seus afluentes. Verifica-se ali, portanto, uma espécie de entrelaçamento de três regiões naturais: o agreste, o brejo e o sertão.

Foi justamente por isso que no passado lá se encontraram os dois sistemas de povoamento tão característicos de todo o Nordeste: o agrícola, do litoral e o pastoril, do sertão. Embora a sua fundação esteja ligada a este último, desde cedo transformou-se Campina Grande em lugar de troca de produtos diversificados, oriundos daqueles dois tipos de economia. IRINEU JOFFILY em suas *Notas sobre a Paraíba* diz mesmo que "restringindo-se à Paraíba, é provável que o primeiro sinal de comércio interno aparecesse na aldeia de Campina Grande".

A tendência de concentrar os produtos das áreas vizinhas, quer agrícolas, quer pastoris, que fez de Campina Grande, desde cedo, um local antes de tudo dedicado ao comércio, acentuou-se com o correr do tempo, pois a cada estrada, nova ou melhorada, aberta ao tráfego, correspondeu uma ampliação do seu setor comercial. Assim, àqueles produtos regionais do agreste, do brejo e do sertão juntaram-se os provenientes de outras regiões próximas ou distantes que chegavam à cidade do alto da Borborema através das novas estradas ou através dos portos litorâneos.

As condições físicas, mormente as do relêvo, não chegaram a opor às comunicações nenhum obstáculo impossível de ser vencido. Logo nos primeiros tempos, caminhos ligavam Campina Grande à zona litorânea e à parte mais ocidental da capitania. A rodovia federal que corta hoje o estado da Paraíba, em sentido longitudinal, ligando João Pessoa a Cajazeiras — a BR-23 do Plano Rodoviário Nacional — repete mais ou

menos o mesmo percurso trilhado pelos antigos boiadeiros para chegar a Campina Grande, vindos dos rincões extremos da Paraíba.

A rodovia depois de atravessar a superfície quase horizontal e muito uniforme do alto do planalto da Borborema aproveita-se do vale do Farinha, cuja orientação leste-oeste permitiu a sua utilização como caminho natural para se chegar à zona deprimida do Espinharas e a toda a bacia do alto Piranhas. Este vale, constituindo o eixo de penetração para a parte oriental da depressão, facilita, pois, a passagem entre a zona do planalto dos Cariris Velhos e o baixo sertão da Paraíba.

Quanto ao brejo, situado na escarpa oriental da Borborema em zona de relêvo mais ondulado, desde o princípio de sua colonização manteve contacto com o agreste, uma vez que seus produtos se destinavam em boa parte ao mercado sertanejo. Através dos amplos vales, como o do Ingá, abertos na frente oriental cristalina da Borborema são atingidos os tabuleiros e as planícies litorâneas. O intercâmbio de Campina Grande com os grandes centros litorâneos: João Pessoa e Recife, justamente aquêles dos quais dependia quase exclusivamente até há poucas décadas, se faz através de secular via de comunicação, que apenas sofreu pequenas alterações no seu traçado<sup>10</sup>.

A natureza, portanto, favoreceu o que o homem, pela sua iniciativa e pelo seu trabalho, realizou ao implantar os trilhos e abrir as pistas por onde trafegam hoje milhares de caminhões, unindo Campina Grande às diversas regiões do estado e este com o resto do país.

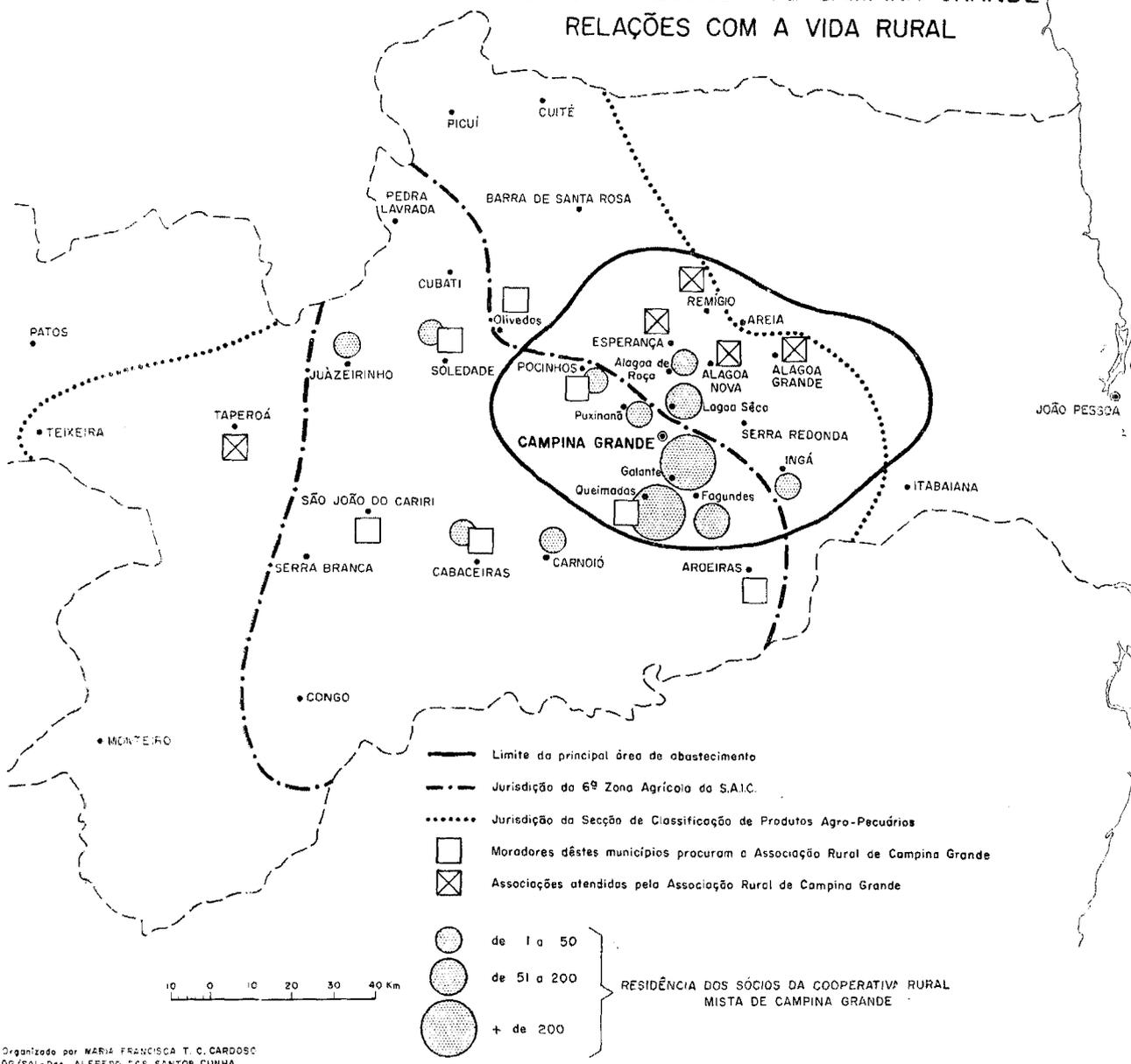
Embora não seja a via mais utilizada, a ferrovia coloca hoje Campina Grande em contacto com os extremos ocidental e oriental do estado paraibano, mas isto só foi conseguido recentemente, em 1958, com a conclusão do trecho Campina Grande-Patos. Graças à conclusão deste trecho central da ferrovia, Campina Grande acha-se ligada à capital estadual e às duas capitais nordestinas de maior dinamismo, Recife e Fortaleza. A ligação com a capital cearense se faz através da antiga Estrada de Ferro Baturité da Rêde de Viação Cearense que, de Fortaleza, atinge o Crato, penetra na Paraíba, onde os trilhos não sofrem, agora, solução de continuidade até o Atlântico, pois há a conexão com a Rêde Ferroviária do Nordeste. Com o Recife, a ligação é muito mais antiga; completou-se na primeira década deste século, fazendo com que aumentasse a já existente dependência de Campina Grande à praça recifense. Conexão ferroviária também se dá na cidade de Sousa, onde chega a E. F. Moçoró, o que permite a ligação da Paraíba com a porção ocidental do Rio Grande do Norte.

Hoje, a ferrovia é mais utilizada no concentrar e distribuir mercadorias de procedência regional, quer seja da zona da mata, do baixo São Francisco ou do baixo sertão da Paraíba.

---

<sup>10</sup> O seu antigo traçado, reconstituído por IRINEU JOFFILY em *Notas sobre a Paraíba* é o seguinte: "de Campina Grande para o litoral a estrada principiava atravessando densa floresta de quatro léguas até os lugares Caboclo e Tôrres, onde descia a Borborema; dava no pequeno vale do rio Ingá; passava nos lugares onde existem hoje as povoações do Riachão, Várzea Nova, vila do Ingá, Mojeiro e uma légua além atingia o rio Paraíba na povoação do Salgado; seguia pelas margens deste rio, tocando em Itabaiana, Pilar, Itaipu, Espírito Santo, Batalha, Socorro, Santa Rita até a capital. Na altura de Itabaiana, porém, bifurcava-se dirigindo-se também para Itambé ou Destêrro, Goiana e Recife, capital de Pernambuco, onde findava".

ÁREA DE INFLUÊNCIA DE CAMPINA GRANDE  
 RELAÇÕES COM A VIDA RURAL



Organizado por MARIA FRANCISCA T. C. CARDOSO  
 DG/SAL-Des. ALFEDO DOS SANTOS CUNHA

Fig. 3

A carga que no ano de 1961 chegou em Campina Grande e que totalizou 66 737 437 quilogramas, segundo informações da estação ferroviária, constou principalmente de açúcar (proveniente das usinas Pureza, Tiúma, Aliança, Cabo, Catende, Central, Barreiros, de Pernambuco), de cimento, vindo de João Pessoa, caroço de algodão remetido de Patos, Sousa, Cajazeiras e mesmo Quixadá e Quixeramobim e ainda arroz, procedente de Pôrto Real do Colégio.

Segundo a mesma fonte de informações, mercadorias há que antes eram transportadas pelo trem e hoje não mais o são. É o caso da produção regional de milho e feijão e a causa não é outra senão a concorrência feita pelo caminhão.

#### TRANSPORTE FERROVIÁRIO

ANOS	Produção de milho feijão (kg)
1956.....	2 347 500
1957.....	819 300
1958.....	869 540
1959.....	1 477 305
1960.....	—
1961.....	—
1962.....	—

Na distribuição de carga a partir de Campina Grande através da mesma ferrovia — 39 616 442 quilogramas em 1961, variam as mercadorias segundo a direção do destino. Para Cabedelo e Recife seguem produtos de exportação como agave, algodão, minério, café. Para o interior, gêneros de consumo importados da zona da mata ou do Sul do país como açúcar, cimento, gêneros diversos, bebidas. O trem ainda é utilizado para transporte de mercadorias que se destinam ao interior do Ceará.

A ligação ferroviária Campina Grande-Patos, completada em 1958 teve certa repercussão no comércio: favoreceu a distribuição de vários dos artigos acima referidos que preferem o trem, mas também reduziu o movimento de vendas de algumas firmas campinenses, graças à ligação ferroviária do trecho ocidental do estado com as suas praças litorâneas: Recife e João Pessoa. Assim, todo o abastecimento de açúcar que para estas cidades do interior se fazia através de Campina Grande, atualmente se faz diretamente, de Recife. Tal mudança ocasionou numa das firmas inquiridas, um decréscimo de 30% no movimento de vendas.

Embora o trem distribua parte das mercadorias, é principalmente graças ao caminhão que Campina Grande se abastece e depois redistribui para a região que dela depende. Pelas rodovias chega a maioria dos produtos adquiridos nos grandes mercados do Recife, Rio de Janeiro, São Paulo, Pôrto Alegre e noutras praças do país.

Rodovias federais estabelecem ligação fácil com êsses grandes centros. Assim, através do trecho oriental da BR-23 (João Pessoa-Cajazeiras) conhecida por Central da Paraíba e desta combinada com a BR-11 dá-se a ligação de Campina Grande com a capital do estado e com Recife, respectivamente. É ainda por meio da BR-11 e da BR-12 (Natal-Salvador) <sup>11</sup>, combinadas com a Rio-Bahia (BR-4), que chega a Campina Grande a maior parte das mercadorias adquiridas nos mercados sulinos, uma vez que o transporte marítimo está sendo relegado a segundo plano.

<sup>11</sup> Esta estrada desde cedo foi uma forte concorrente para a Transnordestina, por permitir um trajeto menor entre Salvador e as localidades do setor oriental da Região Nordeste.



Facilitam a concentração e a distribuição de produtos realizadas por Campina Grande, além das muitas estradas estaduais e municipais que a põem em contacto com os centros próximos, a Rodovia Central da Paraíba, a já citada BR-23 do Plano Rodoviário Nacional. Esta desempenha papel precípua, pois corta o estado em todo o sentido leste-oeste. Verdadeira espinha dorsal do sistema rodoviário paraibano, a ela vão ter numerosas estradas, principalmente do sertão, o que facilita, sobretudo, a atuação de Campina Grande. Inicia-se em João Pessoa, passa pela cidade campinense e prolonga-se até o Ceará, onde se entronca com a Transnordestina na localidade de Ipaumirim e se prolonga pela BR-24 até o Piauí.

Graças a esta estrada e, secundariamente, à ferrovia que acompanha de certa forma o traçado da rodagem, Campina Grande domina inteiramente a porção ocidental do estado. Todos os núcleos urbanos que aí florescem dependem do seu comércio. Comprova-se tal fato pelos mapas do raio de ação do comércio varejista e atacadista. Até as cidades mais ocidentais da Paraíba, como Cajazeiras, Sousa, Pombal compram em grande quantidade no próprio varejo de Campina Grande. Não é somente o comerciante que faz o seu pedido a um outro comerciante, mas sim o próprio indivíduo que vai ao grande centro servir-se de um comércio mais diversificado e especializado.

Fazendo conexão com a Transnordestina<sup>12</sup>, a Rodovia Central da Paraíba facilita a penetração de Campina Grande na porção oriental do Ceará, principalmente nos vales do Salgado e do Jaguaribe e na zona do Crato.

O clima sêco da região favorece o tráfego pelas estradas em boas condições durante todo o ano, mesmo naquelas consideradas de segunda categoria. Até as vias carroçáveis são importantes no sertão, pois muitas delas podem ser trafegadas por caminhões. O número das empresas de transportes de carga que atuam em Campina Grande e a importância que desfrutam são testemunhos do papel concentrador e distribuidor desta cidade. Cerca de vinte empresas de transportes de carga e passageiros estão ali sediadas. Outras trinta organizações cruzam, regularmente a sede municipal. Calcula-se que cerca de quinhentos automóveis e caminhões entram diariamente na aglomeração elevando-se este número a mil em certas épocas do ano.

Além das muitas empresas com sede no Rio de Janeiro e São Paulo como a Interbrasil, a Atlas, a Beira-Mar, a Glória, a Cinco Estrélas, a Brasiluso que possuem filiais ou escritórios em Campina Grande salienta-se uma de grande importância, a Zemaneco, com matriz na própria cidade. Outro fato que não é muito comum em outros centros regionais menores é o de algumas dessas empresas de transporte de cargas manterem na cidade depósitos para armazenagem. Independentemente das empresas organizadas localmente e das filiais das grandes trans-

<sup>12</sup> Conhecida por BR-13 esta é a mais eficiente via de comunicações para as relações entre o Nordeste e o Sul do país. Vai de Feira de Santana a Fortaleza e à medida que atravessa o sertão no sentido N-S, encontra-se com uma série de rodovias, de sentido leste-oeste, que partem de Aracaju, Recife, João Pessoa e Natal.

portadoras do Sul do país são ainda muito numerosos os caminhões de particulares que se encarregam, também, de levar e distribuir mercadorias.

A maior parte das mercadorias recebidas por Campina Grande de caminhão provém diretamente das fontes produtoras do Sul. Mas apesar do grande volume dessa carga transportada em caminhões, diretamente do Sul do país, permanecem alguns produtos vinculados ao transporte marítimo. Cimento, tintas, material agrícola usam o transporte marítimo, assim como as conservas, bebidas, charque, arroz — as estivas de modo geral. As condições da navegação brasileira, deficientes em certos aspectos como sejam a morosidade e as perdas durante a viagem somadas às condições precárias do pôrto de Cabedelo, prejudicam, por demais, o transporte marítimo. Algumas vêzes, mesmo quando as mercadorias vêm do Sul por navio são desembarcadas em Recife, de lá seguindo pela rodovia. É o caso das bebidas da Companhia Antártica Paulista. O mesmo acontece, freqüentemente com a madeira bruta que chega para as serrarias. Através dessa vinculação que certos produtos mantêm ao transporte marítimo e das deficiências do pôrto de Cabedelo, o pôrto do Recife mantêm-se como o principal pôrto a serviço de Campina Grande e da enorme área sertaneja sôbre a qual se irradia a influência da mesma.

Como grande centro que é, servida por boas companhias de transporte aéreo<sup>13</sup>, Campina Grande utiliza-se também, dêste transporte para certos tipos de mercadorias, mais leves e de custo mais elevado como medicamentos, jóias e relógios, material de óptica, em geral. Algumas vêzes, também, as confecções se servem dêste tipo de transporte, mais oneroso, mas de grande vantagem, quanto à rapidez e segurança das entregas.

#### *Etapas da evolução e razões do crescimento da cidade*

Assim como o desenvolvimento econômico de Campina Grande está hoje essencialmente ligado ao caminhão, num passado próximo vinculava-se à estrada de ferro e, em datas mais remotas, às tropas. Conseqüentemente, devido a esta grande dependência face às rodovias e à ferrovia pode-se até, ao se estudar a evolução de Campina Grande, dividi-la em três fases, fases que além de assinalarem as etapas do desenvolvimento urbano coincidem, também, com a ampliação da atuação da cidade dentro da área que hoje lhe é subordinada. A primeira fase, compreendendo um período de tempo dilatado, estendeu-se desde o estabelecimento do aldeamento que deu origem a Campina Grande até a chegada da estrada de ferro em 1907; a segunda, dêste acontecimento até à abertura de modernas rodovias, já depois de 1930; e, finalmente, uma terceira fase caracterizada pela predominância destas vias de comunicação sôbre as demais. A desigualdade de duração de cada uma destas fases leva-nos a observar o ritmo acelerado do desenvolvimento

<sup>13</sup> Consórcio Real Aerovias, Aero Norte, Nacional e a VARIG, Réde Aérea Nacional S/A.

de Campina Grande nestes últimos anos e, principalmente, como tomou ela vulto dentro da região.

As primeiras notícias sôbre Campina Grande remontam ao ano de 1697, data do estabelecimento de um aldeamento de índios arius, no planalto da Borborema, pelo capitão-mor TEODÓSIO DE OLIVEIRA LÊDO. Esse aldeamento não resultou dos progressos da ocupação ao longo dos vales litorâneos, pois o povoamento dos mesmos permaneceu vinculado à cana-de-açúcar. Apenas se iniciara a expansão da pecuária à retaguarda das faixas canavieiras, ainda na região litorânea, e já se efetivara a ocupação do sertão, acompanhando a expansão dos currais de gado desde a Bahia pelas ribeiras do interior. Da expansão do criatório para leste, até os altos da Borborema e a região do Seridó é que surgiria o aldeamento de índios, não longe do alto vale do Paraíba, o desolado sertão dos Cariris Velhos, pelo qual se haviam estabelecido os primeiros contactos da região agrícola litorânea com os sertões da Paraíba <sup>14</sup>.

Duas fortes razões explicariam o aparecimento de um povoado naquelas paragens em tórno da capela do aldeamento: ao mesmo tempo que os colonos encontravam nos níveis mais altos da Borborema um ambiente mais úmido e terras favoráveis às culturas de mandioca, milho e outros gêneros necessários à sua subsistência e passíveis de serem comerciados, desfrutava o aldeamento de excelente posição, uma vez que ficava no contacto das regiões essencialmente pastoris dos Cariris Velhos e do sertão, com as do litoral e do brejo, primordialmente agrícolas. De fato, situa-se a aldeia na parte de agreste do alto da Borborema, com possibilidades agrícolas com que não conta o sertão, onde a única forma de ocupação era a pecuária extensiva.

Relatam os historiadores <sup>15</sup> que Campina Grande ao disputar com São João do Cariri o título de vila que recebeu em 1790 venceu por já ser, então, maior detentora de poder econômico do que a sua rival, poder êste constituído, principalmente, pela produção e comércio da farinha de mandioca, naquela época mais importante que hoje, mas sobretudo muito mais importante em Campina Grande.

Tudo leva a crer, diz-nos JOFFILY, que o primeiro sinal de comércio interno na província da Paraíba tenha surgido na aldeia de Campina Grande, com o estabelecimento de uma feira, que se tornaria famosa com o passar do tempo.

Essa função comercial de Campina Grande se apoiaria grandemente no fato de por ela se haver estabelecido o traçado do caminho que daria lugar à Estrada Real, estrada destinada a ligar os sertões remotos não só da capitania, mas também do Rio Grande do Norte e do Ceará, com a Paraíba e Recife. Mesmo depois com a criação de outras como a de Areia, a estrada continuou a passar em Campina Grande, situação que foi confirmada também recentemente com a abertura da principal rodovia do estado: a Central da Paraíba.

<sup>14</sup> Antes da abertura da Estrada Real, passando por Campina Grande, o caminho primitivo entre o litoral e o sertão da Paraíba seguia pelo Paraíba e seu afluente Taperóá.

<sup>15</sup> Citado em LOPES DE ANDRADE — *Campina Grande — como centro econômico da região*.

Favorecida quanto à sua situação de porta de entrada do sertão, Campina Grande se tornaria ponto de convergência das duas estradas sertanejas, do Espinharas e do Seridó. A primeira, atravessando o planalto da Borborema, alcançava em seguida o vale do Espinharas que acompanhava até o local onde está localizada a cidade de Patos e, se dirigindo sempre para o oeste, atravessava todo o estado da Paraíba e penetrava no Ceará, onde alcançava Icó e se subdividia. A atual rodovia Campina Grande-Cajazeiras conserva aproximadamente, a não ser em seu trecho final, o traçado dessa estrada. Era a grande estrada do gado, pela qual desciam as boiadas do sertão da Paraíba, do Ceará e do Piauí em busca de Recife e da zona canavieira. A segunda estrada dirigia-se para os lugares onde hoje estão localizados Pocinhos e São Francisco, acompanhava o vale do Seridó vencendo o boqueirão de Parelhas e atravessava o estado do Rio Grande do Norte, alcançava os vales do Piranhas (Açu), do Apodi e, finalmente, Jaguaribe no Ceará <sup>16</sup>.

Estas estradas fizeram com que desde cedo as relações de Campina Grande se dilatasse, alcançando o Seridó, além dos limites da então capitania (posteriormente estado) da Paraíba. A estrada do Espinharas, por sua vez, foi responsável por uma relação estreita e precoce entre a zona dos Cariris Novos e o extremo ocidental da Paraíba (ribeiras de Piancó, alto Piranhas e rio do Peixe) relação esta, mantida até hoje como se viu no capítulo precedente.

Estas estradas faziam de Campina Grande nos séculos XVIII e XIX o ponto de convergência de todo o interior da Paraíba e regiões vizinhas, e cada vez mais se acentuava pela abertura de estradas vicinais. Boiadas procedentes dos sertões do Ceará, Rio Grande do Norte e Paraíba com destino a Pernambuco e comboios de cereais e mercadorias estrangeiras que dos brejos e da atual João Pessoa e de Recife rumavam para o sertão paraibano, todos passavam em Campina Grande.

Mas, mesmo assim, seu papel como centro regional era de certa forma, limitado. Se a sua feira de gado era das mais importantes, o seu mercado de cereais sofria concorrência por parte de centros como Vila Real do Brejo da Areia (atual Areia) possuidor de importante feira de gêneros alimentícios que chegou a ser a mais importante da Paraíba atraindo a freguesia do Curimataú e Seridó, e que se voltava para Mamanguape no litoral. Por sua vez Icó, no Ceará, lograva desviar parte dos compradores do próprio sertão paraibano como acontecia em relação ao alto Paraíba com Limoeiro e, mais tarde, Timbaúba dos Mocós, ambos em Pernambuco. Também Moçoró, já na segunda metade do século XIX estenderia a sua atuação comercial até os confins da Paraíba.

Conquanto atraísse para a sua feira e o seu comércio grande número de tropeiros, como já foi visto, os fazendeiros das vizinhanças mantiveram-se por longo tempo arredios, confinados nos seus domínios e não se animavam a construir na vila e freqüentá-la. O desenvolvimento interno da aglomeração, que havia sido rápido a princípio, processou-se, depois nessa fase de maneira lenta.

<sup>16</sup> IRINEU JOFFILY em *Notas sobre a Paraíba* é quem descreve todo o percurso dessas duas estradas boiadeiras.

Nesta primeira fase de sua história, embora tenha alcançado sucessivamente os foros de vila em 1790 e os de cidade em 1864, Campina Grande, não desfrutava ainda de real projeção no panorama urbano da capitania. Eram outras as aglomerações que ocupavam os primeiros lugares como Areia, que se tornara o grande centro do brejo no decorrer do século XIX e como Mamanguape, que durante algum tempo foi o entreposto comercial do brejo, mas que perdeu grande parte de sua importância comercial, quando a linha férrea, partindo da capital, chegou a Guarabira. Foi, então, a vez de desenvolver-se esta cidade pois foi durante algum tempo ponta de trilhos da Estrada de Ferro Conde d'Eu — seu comércio passou por uma grande melhoria, tornando-se conhecida a sua feira de gêneros alimentícios.

Em 1907, os trilhos chegaram a Campina Grande e com eles um vigor nôvo à aglomeração, traduzido mormente no reativamento da função comercial. Crescendo o comércio, passou êle a projetar-se em áreas mais amplas. Cidades importantes e, de certa forma, suas rivais até então, como Guarabira, Areia, Alagoa Grande e Itabaiana, foram ultrapassadas e passaram para segundo plano.

O ser ponta de trilhos durante vários decênios (de 1907 a 1958) acentuou o desenvolvimento do organismo urbano e a sua conseqüente projeção dentro da região, ampliando a sua área de influência.

A construção desse ramal para Campina Grande a partir de Itabaiana levantara na época opiniões contraditórias, pois a um pequeno grupo favorável, opunha-se a maioria que o considerava como um elemento a mais a favorecer o desvio dos produtos paraibanos para Recife. E tal prognóstico foi, realmente, confirmado.

Os trilhos, ligando Campina Grande à capital estadual<sup>17</sup> e à capital de Pernambuco<sup>18</sup>, acentuaram, contrariamente à esperança dos paraibanos, a dependência já existente deste centro e da região sertaneja em favor de Recife.

IRINEU JOFFILY, em obra já citada, publicada em fins do século passado, preconizava a libertação econômica de tôda a Paraíba da praça do Recife quando fôsse levado a cabo o prolongamento da estrada de ferro<sup>19</sup>, de modo a ligar os sertões paraibanos à capital do estado. Mas, na verdade o que aconteceu foi justamente o inverso. A respeito da ligação ferroviária e dessa captura econômica o Sr. JOSÉ AMÉRICO DE ALMEIDA em seu livro *A Paraíba e seus problemas* salienta serem “oitenta e dois quilômetros através da caatinga, até a passagem para o Cariri que facilitavam o acesso ao sertão. Mas Campina Grande passou a ser uma cidade social e comercialmente pernambucana como empório das transações da praça do Recife com a maior parte de nossa zona pastoril e algodoeira”.

Mais uma vez a capital do estado perdera parte de sua zona de influência, a favor de Recife. Tal fato já se dera poucos anos antes

<sup>17</sup> A ferrovia havia chegado em Itabaiana em 1901 e daí, em 1904, teve início a construção do então ramal Itabaiana-Campina Grande.

<sup>18</sup> Tal fato se dera poucos anos antes quando teve início o tráfego interestadual, com a inauguração, das estações Rosa e Silva em 2-7-1900 e a de Itabaiana em 5-1-1900.

<sup>19</sup> A então Conde d'Eu que atingia em direção ao norte a cidade de Guarabira e para o sul a vila do Pilar.

quando teve início o tráfego interestadual Paraíba-Pernambuco (1901). “Foi um melhoramento notável, mas concorreu para o abatimento da praça da capital da Paraíba, porque facilitou o intercâmbio do Recife com o interior dêste estado<sup>20</sup>. Recife realizara ainda outra captura econômica, quando a Paraíba se ligou a Natal, pela construção do trecho Guarabira a Nova Cruz em janeiro de 1904.

Alcançada pela via férrea, em 1907, Campina Grande permaneceu ponta de trilhos durante várias décadas, pois somente em 1958 foi completada a ligação com Patos, após a conclusão do trecho Campina Grande-Soledade. Quando se tratou do prolongamento da estrada de ferro da Paraíba, no intuito de transformá-la em uma estrada de penetração, novas discussões tinham sido levantadas. Campina Grande foi sugerida para ser o ponto de onde continuariam os trabalhos da implantação dos trilhos. Mas, a opinião mais forte defendia o prolongamento dos trilhos a partir de Alagoa Grande. Esta linha segundo o plano do IFPCS seria a do centro e dirigir-se-ia a Cajazeiras, passando antes por Alagoa Grande, Areia, Alagoa do Remígio, Esperança, Pocinhos, Soledade, Santa Luzia, São Mamede, Patos, Pombal, Sousa.

Contra Campina Grande diziam que o traçado não solucionaria o problema da sêca, ligando as zonas flageladas a um centro produtor e, o que seria pior, viria agravar mortalmente a situação da capital, encaminhando as energias de mais de metade do estado para a praça do Recife. A favor de partir a linha-tronco de Alagoa Grande, citavam a conveniência de transportar para Cabedelo os produtos dos municípios de Catulé do Rocha, Brejo do Cruz e Souza que se desviavam para Moçoró, de Cajazeiras, São José do Piranhas e São João do Rio do Peixe (atual Antenor Navarro) que eram atraídos pelo Ceará e Teixeira e Misericórdia que se voltavam para Pernambuco.

Tôdas essas considerações tornaram-se inúteis uma vez que a Comissão Rondon não foi favorável à ligação da Estrada de Ferro Baturité com a Great-Western, achando mais lógico prolongar na Paraíba um ramal da Baturité. Assim, os trilhos avançaram de oeste para leste, atingindo Patos em 1944, depois de tocar em Antenor Navarro em 1923, Cajazeiras e Sousa em 1926 e Pombal em 1932.

Antes mesmo da ligação ferroviária com Campina Grande, Patos, apesar de servida por uma estrada de ferro vinda de oeste, pouco se valia dela no tocante à remessa da produção regional que beneficiava. Encaminhava-a no sentido inverso, para Campina Grande e João Pessoa ou Recife, utilizando-se da estrada de rodagem. A ferrovia seria mais para trazer a Patos mercadorias de consumo regional, produzidas no extremo oeste da Paraíba ou no Cariri cearense, como feijão, milho, farinha de mandioca, rapadura.

Campina Grande que desde o seu alvorecer se distinguiu como centro comercial e vira intensificar-se esta mesma função com o advento da ferrovia, com a abertura de estradas de rodagem e o uso generalizado do transporte rodoviário, transformou-se em verdadeira capital

<sup>20</sup> JOSÉ AMÉRICO DE ALMEIDA — *A Paraíba e seus problemas.*

regional do sertão nordestino. A estrada de ferro foi, indiscutivelmente, fator de progresso para Campina Grande, fortalecendo o vigor de sua praça comercial e ampliando a sua zona de influência. Mas, foi somente com o advento das rodovias que a extensa área nordestina hoje dependente de Campina Grande para ela se voltou. Estradas, umas longitudinais, permitindo a ligação do Sudeste com o Nordeste do país, e outras transversais, facilitando a interiorização da influência campinense, são responsáveis pela situação hoje existente.

Cidade de contacto, Campina Grande é, como se viu em capítulos anteriores, grande mercado concentrador de produtos agrícolas e pastoris de uma vasta área e é graças às inúmeras rodovias federais, estaduais e municipais através das quais projeta a sua influência, que ela faz convergir para si tôda essa produção. Por estas mesmas estradas segue a quase totalidade de tudo aquilo que ela redistribui, ou que produz ela própria para o consumo regional.

Graças, ainda, ao caminhão, nesta terceira fase, que é a atual, Campina Grande já não se prende mais exclusivamente às praças do Recife e João Pessoa, quando se trata do seu abastecimento. Além da metrópole nordestina suas compras também são feitas nos dois grandes centros nacionais: Rio de Janeiro e São Paulo. Embora distantes não há propriamente grandes dificuldades a essas relações diretas, pois a vinculação rodoviária está sobrepujando progressivamente a cabotagem e estradas de primeira categoria, total ou parcialmente pavimentadas, possibilitam a ligação do extremo Sul com o Nordeste.

Através da atuação de Campina Grande em todo o interior nordestino se faz portanto, indiretamente, a penetração da influência dos grandes centros: Recife, Rio de Janeiro, São Paulo e ainda outros que mantêm transações com a capital do sertão.

O que se verifica, portanto, é que a cada uma das fases de desenvolvimento de Campina Grande corresponde uma dependência maior a certo meio de transporte e a um determinado mercado abastecedor.

Assim, naquela primeira fase suas comunicações morosas e difíceis se faziam através das tropas e sua dependência mais estreita era com Recife diretamente ou indiretamente através da cidade da Paraíba. Depois, com a chegada dos trilhos, voltou-se cada vez mais para a cidade do Recife, uma vez que a ligação ferroviária o favorecia. Finalmente, na terceira fase, com o advento das novas rodovias e o uso generalizado do caminhão, Campina Grande pôde-se libertar da dependência quase exclusiva aos mercados nordestinos, passando a abastecer-se, também, nos grandes centros nacionais, localizados no Sudeste do país.

### *Considerações finais*

No panorama atual nordestino Campina Grande surge, indiscutivelmente, como verdadeiro fenômeno urbano. Dada a grande proximidade de Recife e de João Pessoa, a primeira, metrópole regional de ampla atuação e, a segunda, centro de menor projeção, mas ostentando

uma função sempre significativa de capital político-administrativa, não seria lógico esperar que se desenvolvesse ali uma capital regional do gabarito de Campina Grande. Transbordante de vida, essa cidade da Borborema paraibana coloca seus serviços à disposição de uma área muito extensa, sendo o comércio atacadista o principal responsável por esta atuação tão intensa. O comércio é a grande mola propulsora do progresso de Campina Grande — tão desenvolvido se acha que causa espanto a todos quanto o analisam. Apesar dessa situação favorável, é preciso reconhecer a existência de uma grande disparidade entre os setores secundário e terciário de Campina Grande, o que poderá provocar num futuro não muito remoto uma transformação na conjuntura atual. Realmente, o desenvolvimento industrial embora expressivo, no panorama geral da industrialização do Nordeste quando comparado ao do próprio comércio da cidade é quase incipiente, pois se baseia ainda, predominantemente nos ramos de beneficiamento. Se tal desequilíbrio não fôr equacionado, poderá haver certa paralisação ou diminuição no ritmo de crescimento da cidade observado nas últimas décadas e Campina Grande poderá perder a liderança que vem mantendo no sertão nordestino, principalmente, após o advento das rodovias.

Certamente, são menos complexos os fatores necessários ao bom desenvolvimento comercial de um centro urbano comparado com aqueles indispensáveis ao incremento industrial, pois entre os últimos estão quase sempre incluídos certos empreendimentos de ordem estatal — e é notória a insuficiência dos investimentos públicos até há bem pouco tempo na Paraíba, como em todo o Nordeste, de modo geral. É bem verdade, que alguns deles, mais recentes, favoreceram a situação de Campina Grande, como o do fornecimento da energia de Paulo Afonso, distribuída pela CHESF, que pôs fim a um dos gravíssimos problemas defrontados pela indústria campinense e do abastecimento d'água mediante captação da repêsa de Boqueirão.

Mas, além dos empreendimentos estatais, outros fatores de âmbito mais restrito tornam-se precisos ao bom desenvolvimento industrial e, estes, Campina Grande proporciona às indústrias. Assim, às facilidades oferecidas pela grande variedade de matérias-primas vegetais, animais, e minerais alia-se a mão-de-obra abundante, uma vez que no Nordeste existe uma população flutuante sempre numerosa, embora quase sempre não qualificada para as atividades industriais (merece referência o fato de funcionar em Campina Grande a escola do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial — SENAI). Por outro lado, a posição de Campina Grande no eixo de importantíssimas estradas longitudinais e transversais, verdadeiras artérias da economia nacional, é fator de primeira ordem, quando se analisam as possibilidades de colocação dos produtos industriais nos diversos mercados — a mais elementar das aspirações de qualquer indústria. A navegação praticamente não pode ser levada em conta quando se trata do desenvolvimento industrial de Campina Grande, como de modo geral de todo o estado paraibano, dadas as condições precárias do pôrto que serve ao estado da Paraíba e, a

própria deficiência do transporte marítimo brasileiro. Por êste lado, a indústria campinense não poderá esperar muito.

Campina Grande, possuidora de tão grande atuação no sertão nordestino gira, por sua vez, na órbita de influência da cidade do Recife. Mas, graças aos transportes rodoviários e a sua posição no eixo de importantes estradas e à posição excêntrica de Recife no litoral oriental não vive hoje numa dependência exclusiva à grande metrópole do Nordeste em muitos setores, voltando-se cada vez mais para os grandes mercados do Sudeste: Rio de Janeiro e São Paulo.

Campina Grande, o maior empório comercial da Região Nordeste depois do Recife, ocupa lugar privilegiado entre tôdas as cidades brasileiras, sendo o seu nome, hoje, sinônimo de progresso urbano e um exemplo vivo da real capacidade de realização dos nordestinos.

#### BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, José Américo de — *A Paraíba e seus problemas* — 2.<sup>a</sup> edição — Biblioteca de Investigação e Cultura Ed. da Livraria do Globo, Pôrto Alegre, 1937; 290 páginas.
- ANDRADE, Dr. Ademar Xavier — “Vias de Comunicação do Nordeste” — Conferência pronunciada na I Semana de Estudos Econômicos promovida pela Escola Politécnica da Paraíba, de 27-5 a 1-6-1957.
- ANDRADE, Manuel Correia de — *Aspectos Geográficos do Leste da Paraíba* — Fundação para o Desenvolvimento da Ciência e da Técnica.
- COSTA FILHO, José Paulino — *Um quinquênio de finanças públicas em Campina Grande (cifras e fatos a respeito da arrecadação municipal, estadual e federal de 1950 a 1954)* — Divulgação da Federação das Indústrias do Estado da Paraíba, Campina Grande, 1955.
- GEIGER, Pedro Pinchas e Davidovich, Fany — “Aspectos do Fato Urbano no Brasil” — separata da *Revista Brasileira de Geografia*, n.º 2, ano XXIII, abril-junho, 1961.
- LOPES DE ANDRADE — “Campina Grande como Centro Econômico da Região” — Conferência pronunciada na I Semana de Estudos Econômicos, promovida pela Escola Politécnica da Paraíba de 27-5 a 1-6-1957.
- MEIRELES, Manuel — *Notas sobre o município de Campina Grande* — Campina Grande, 1962.
- MELO, Mário Lacerda de — *Paisagens do Nordeste em Pernambuco e Paraíba*. Guia da excursão n.º 7, realizada por ocasião do XVIII Congresso Internacional de Geografia. Edição do CNG, Rio de Janeiro, 1958 — 325 páginas.
- MÜLLER, Nice Lecocq — “Campina Grande” — “Notas de Geografia Urbana” in *Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros*, vol. VI, tomo II — 1951-1952, São Paulo, Brasil, 1958, pp. 13/34.
- PAULINO FILHO, José — *Transportes Ferroviários da Paraíba* (alguns apontamentos sobre a sua evolução). — Caderno I — Divulgação da Diretoria da Educação e Cultura — Prefeitura Municipal de Campina Grande, 1958.
- PINTO, Estevão — *História de uma Estrada de Ferro do Nordeste* — Coleção Documentos Brasileiros — 61 — Livraria José Olímpio Editôra.
- VALVERDE, Orlando — “O Uso da Terra no Leste da Paraíba” — *Revista Brasileira de Geografia*, ano XVII, n.º 1, janeiro-março, 1955, pp. 49/83.

Federação das Indústrias do Estado da Paraíba — *Paraíba — Realidade Econômica, Problemas — Roteiro para Investimentos*, Conferência Internacional de Investimentos, Belo Horizonte, 1958.

Conselho Nacional de Geografia — *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*, vol. V — Grande Região Nordeste.

#### SUMMARY

##### *Campina Grande and its function as a regional capital*

The urban organism and its actuation on a wide surrounding are the main themes of this work on Campina Grande, a city that radiates its influence from the top of the Borborema plateau far over the hinterland, in contrast to the great majority of urban centres in the Northeast, which only subsist in function of the rural area of their own municipalities.

Repeating the general features of the plateau (in this stretch furrowed by the valleys of the Paraíba, the Mamanguape and the Curimataú and losing altitude toward the coast), the urban site is split up differences of level which have not, however, succeeded in affecting the growth of the built-up area which now measures about 780 hectares (3 square miles) without a break.

An analysis of the various functions the city shows that Campina Grande really is a back country capital and that it is largely through its trade (retail and wholesale) that it acts upon quite distant regions. Both branches are well represented—276 wholesale and 848 retail establishments. (data for 1962).

Subsequent enquiry into the industrial function reveals a striking inequality between the tertiary and secondary sectors of the city. Though it is one of the most important centres of industrial concentration in the state of Paraíba, the more important plants, with few exceptions, limit their activities to processing raw materials for export, in particular cotton, agave fibres, ores and vegetable oils. The two groups, processing and manufacturing industries, are compared and seen to diverge considerably, both as regards the origin of the capital and value of the output, but particularly with reference to the range of business and extension of the market.

On-the-spot research in business houses, banks, schools, hospitals and newspaper offices led to the drafting of numerous charts enabling three areas to be outlined in which the activity of Campina Grande is felt to a varying extent. The first, where its influence is predominant, comprises the zones of Brejo and Cariris Velhos. The second, where it is still quite marked and direct, embraces all the rest of the state of Paraíba, with the sole exception of the coastal zone, directly subordinate to the estate capital, João Pessoa; overlapping the neighbouring states, this area covers the south of Rio Grande do Norte (the region of Parelhas and Caicó as far north as Currais Novos) and, to some extent, the southeast of Ceará, i. e. the region of Crato and Juazeiro do Norte. Finally, a third area where Campina Grande actuates almost exclusively through its most important function — that with the greatest power of penetration — retail trade.

This extensive actuation of Campina Grande is due to its geographical position, in contact with different regions, which facilitates the concentration of the most varied products, and to the convenience, nowadays, of its ways of transportation branching out in various directions. Campina Grande today may be seen to be in a key position in the road and railway system of the state and of the Northeast as a whole, and logically stands out from the urban picture in that region. The tendency to concentrate the output of the neighbouring areas, both agricultural and pastoral, that early made Campina Grande into a community devoted above all to trade, has grown with passage of time, for each new or improved road thrown open to traffic has promoted expansion of its commercial sector. Thus the regional products of the adjacent zones of the Agreste, the Brejo and the Sertão were supplemented by those from other regions near or far that reached the city over the new highways of through the ports onto the seaboard.

For purposes of analysis the evolution of the city has been divided into three stages indicating the successive steps in urban development, related to the enlargement of its range of influence, and also its varying dependence on the supplier markets. The first stage covers a lengthy period stretching from the foundation of the settlement that was to be Campina Grande up to the laying of the railway in 1907, the second proceeds from then on to the construction of the modern highways shortly after 1930; while the third is concerned with the predominance of these ways of communication over the others. In the first stage, it was most closely dependent on Recife, either directly or indirectly through the city of Paraíba, now the state capital, João Pessoa. When the railway tracks reached Campina Grande, its dependence of Recife was intensified. In the third stage, with the advent of the new highways and the spreading use of the motor truck, Campina Grande was able to free itself from almost exclusive dependence on the northeastern markets, and obtain its supplies as well from the great national centres situated in the southeast of the country.

The unequal length of these phases provides a gauge of the quickening rate of development of Campina Grande in the last few years, transforming it into a true symbol of urban progress and a vibrant example of the very real capacity of achievement of the Northeasterner.

#### RÉSUMÉ

##### *Campina Grande et son rôle comme capitale régionale*

L'organisme urbain et son importance rayonnante sur la vaste région avoisinante sont les thèmes principaux de ce travail sur Campina Grande, ville qui du haut du plateau de Borborema répand son influence sur l'immense étendue de la brosse, au contraire de la grande majorité des centres urbains du Nord-Est qui ne vivent qu'en fonction de la région rurale du propre municipio.

Répétant les traits généraux de la morphologie du plateau (dans cette partie creusée par les vallées du Paraíba, du Mamanguape et du Curimataú et perdant de l'altitude vers la côte), l'emplacement de la ville à certaines différences de niveau qui ne sont pas arrivées à entraver l'accroissement de l'agglomération urbaine qui s'étend actuellement à près de 780 hectares.

Em analysant les diverses fonctions de la ville, l'auteur démontre que Campina Grande est réellement une capitale de la brousse, et que c'est surtout par son commerce (en gros et en détail) que la ville a de l'influence sur des régions très éloignées. Aussi bien les grossistes que les détaillants sont bien représentés par le grand nombre d'établissements — 276 grossistes et 848 détaillants (données de 1962).

L'auteur analyse ensuite la fonction industrielle et attire l'attention sur la différence qu'il y a entre les secteurs tertiaire et secondaire de la ville. Bien qu'elle soit un des centres les plus importants de concentration industrielle de l'État de Paraíba, les plus grandes industries, à peu de choses près, se limitent à la simple amélioration des matières premières pour l'exploration, principalement celles du coton, agave, minerais et huile. L'auteur compare aussi les deux groupes d'industrie, celui d'amélioration et celui de transformation et y constate une grande disparité tant en ce qui se réfère à l'origine des capitaux et à la valeur de la production, que principalement à l'amplitude des affaires et l'étendue du marché.

Se basant sur les recherches effectuées dans la ville elle-même sur le commerce, les banques, les écoles, les hôpitaux et les rédactions de journaux, de nombreuses cartes ont été élaborées qui permettront de délimiter trois zones où Campina Grande a une activité d'intensité variable. Une première zone où son influence domine comprend celles du Brejo et des Cariris Velhos. La seconde zone où l'influence de Campina Grande est encore considérable et bien directe comprend tout le reste de l'état du Paraíba sauf la région littorale dépendant directement de João Pessoa; elle atteint le sud du Rio Grande do Norte (la région de Pareihas, Caicó jusqu'à Currais Novos) et, en quelque sorte, le sud-est du Ceará, c'est-à-dire la région de Crato et Juazeiro do Norte. Finalement, une troisième zone où Campina Grande n'agit guère que par son rôle le plus important — celui qui a le plus grand pouvoir de pénétration — le commerce en gros.

Cette grande influence de Campina Grande vient de sa situation géographique en contact avec différentes régions, ce qui facilite la concentration des produits les plus divers et des facilités offertes aujourd'hui par un réseau routier dont elle est le centre. Campina Grande apparaît aujourd'hui dans une position stratégique au coeur du réseau routier et ferroviaire de l'état et du Nord-Est lui-même, ressortant logiquement dans le cadre urbain de cette région. La tendance à concentrer les produits des zones voisines, soit de l'agriculture, soit de l'élevage, qui a fait de Campina Grande, dès le début, une place dédiée avant tout au commerce, s'est accentuée avec le temps, car à chaque route nouvelle ou améliorée ouverte au trafic, correspond une augmentation de son secteur commercial. Ainsi, ces produits régionaux de l'Agreste, du Brejo et du Sertão se sont ajoutés à ceux provenant d'autres régions voisines ou lointaines qui arrivent à la ville par les nouvelles routes ou par les ports du littoral.

En étudiant l'évolution de cette ville, l'auteur la divise en trois phases qui montrent les étapes du développement urbain en rapport à l'augmentation de son rayon d'influence et aussi sa transformation en ce qui concerne sa dépendance aux marchés fournisseurs. La première phase, d'une durée très longue, s'étend depuis l'établissement du peuplement qui a donné naissance à Campina Grande jusqu'à l'installation du chemin de fer en 1907; la seconde, à partir de cet événement jusqu'à l'ouverture des routes modernes peu après 1930; et finalement, une troisième phase caractérisée par la prédominance de ces voies de communication sur les autres. Pendant la première phase, elle dépendait le plus étroitement de Recife, soit directement, soit indirectement en passant par la ville de Paraíba, qui est actuellement la capitale de l'État, João Pessoa. Avec la venue des rails la subordination à Recife s'est intensifié. Pendant la troisième phase, avec les nouvelles routes et l'emploi généralisé des camions, Campina Grande a pu se libérer de la dépendance presque exclusive des marchés du Nord-Est en devenant capable de se ravitailler aussi dans les grands centres nationaux situés au sud-est du pays.

La différence de durée de chacune de ces phases nous montre le rythme accéléré du développement de Campina Grande ces dernières années, la transformant en un véritable synonyme du progrès urbain et un exemple vivant de l'esprit réalisateur des gens du Nord-Est.